



Amores Irresistíveis - Livro 2

Um Marquês Arrebatado

Aline Rubert







Amores Irresistíveis - Livro 2

Um Marquês
Arrebatado

Aline Rubert



Copyright © Aline Rubert, 2018

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica — sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, nomes, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora, toda e qualquer semelhança com eventos reais são mera coincidência.

Revisão: Naiara Aimee

Capa: Aline Rubert

Diagramação: Aline Rubert

2018

1ª Edição

UM MARQUÊS ARREBATADO

Série Amores Irresistíveis – Livro 2

© Todos os direitos reservados a Aline Rubert

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Epílogo](#)



Prólogo

Norfolk, 1805

Ela estava arruinada. Não só havia se entregado solteira, mas estava grávida de um homem casado. Aos dezenove anos a vida de Nelly Barnes estava acabada. Ela sabia que não deveria ter feito o que fez, mas agora não havia volta. Estava na porta dele, esperando que um criado a abrisse. Não havia mais para onde correr após o pai tê-la posto para fora debaixo de gritos.

Arthur Linton, Visconde de Stafford, não fazia ideia de que a amante estava grávida. Nem podia chamá-la realmente de amante; foram só algumas noites juntos, e não pensava nela há dois meses. Não era relevante na vida dele — nenhuma delas. Era tarde da noite, a esposa e o filho estavam na sala de leitura enquanto ele trabalhava, a mulher mais adoecida a cada dia. O mordomo veio avisá-lo da visita e ele se levantou de sua mesa, andando sem pressa até a porta da casa. Talvez ela quisesse algum dinheiro, suas amantes frequentemente pediam algumas libras.

— Nelly. — Ele deu um sorriso automático e sem emoção ao ver a garota na porta. — O que a traz até aqui tão tarde da noite?

— Arthur, eu... preciso falar com você. — Ela parecia nervosa, um tanto pálida. Ele suspirou, dando de ombros e fazendo um sinal para que ela entrasse, ficando no primeiro cômodo da casa, uma saleta de entrada onde eram pendurados casacos.

— Diga logo, Nelly. De quanto precisa?

— Eu... o quê? Acha que eu vim em busca de dinheiro? — Ela não gostaria de acreditar que ele estava fazendo tal insinuação, mas conhecia Stafford. Ele era assim. Ela suspirou, abaixando a cabeça. — Eu não estou em busca de seu dinheiro, Stafford.

— Então o que você quer? Não pode aparecer assim na minha casa durante a noite, Nelly. Minha família está aqui, minha esposa e meu filho estão logo ali na sala de estar.

— Quero que saiba a verdade. Eu estou grávida, Arthur.

— Grávida? Nelly, não me venha com besteiras. Eu sou casado, minha esposa está doente, você não pode aparecer grávida na minha porta! Nosso caso foi somente isso, um caso, meses atrás. — Ele balançou a cabeça, enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas. Sabia que ele não ia reagir bem, mas não tinha outra opção, não tinha mais para onde correr.

— A culpa não foi só minha, Arthur. O que espera que eu faça, tenha esse filho sozinha? — As mãos dela envolveram a barriga, uma lágrima escorrendo

dos olhos.

— Encontre um marido que vá cuidar da criança, fale com garotas de bordel que já resolveram “problemas” como esse, eu não posso fazer nada. Se eu não fosse casado nós poderíamos dar um jeito nisso isso, mas eu sou.

— Eu estarei arruinada.

— Sinto muito. — Ele era tão frio. Nelly nunca entenderia o que viu nele. Talvez por ser sedutor e bonito, com os cabelos pretos e olhos claros. Ele era tão perfeito fisicamente, um anjo caído do céu, mas a personalidade deixava tanto a desejar que se fosse mesmo um anjo, se chamaria Lúcifer. Era um homem que não sabia amar, que não tinha o mínimo respeito.

— Sinto muito?! É tudo o que tem a dizer? — Ela já não se importava mais em estar chorando e um tanto desesperada, só precisava encontrar um jeito. Qualquer jeito.

— O que está acontecendo aqui? — Lady Stafford surgiu na sala de entrada, enrolada em um casaco enorme e extremamente pálida, a aparência cansada, olhando do marido para a mulher que chorava. A julgar pelo olhar que os lançou, não era a primeira vez que via aquilo. — Arthur, o que você fez agora?

— Querida, volte para dentro, isso não é da sua conta.

— Uma garota aparecendo na minha porta tarde da noite e discutindo aos prantos com meu marido parece, sim, ser da minha conta. — Ela tossiu, cobrindo a boca com a mão, respirou fundo e se aproximou da garota. — Conte-me querida, o que aconteceu?

— Lady Stafford... — Nelly olhou para baixo, envergonhada. O que havia se tornado? Uma amante qualquer, o tipo de garota odiada pela sociedade. — Sinto muito, não queria incomodar, mas não tinha para onde correr. Eu e Arthur... Lorde Stafford, nós tivemos um caso, alguns meses atrás. E eu... eu estou grávida.

— Ah. — Lady Stafford olhou da garota para o marido, balançando a cabeça. — Arthur, eu já sabia de seus casos, mas não poderia ter sido ao menos cuidadoso? — Ela tossiu mais uma vez, fechando os olhos por um instante até se recuperar, e então se voltou para a garota. — Quantos anos você tem?

— Dezenove. — Nelly estava respondendo automaticamente, surpresa pela mulher dele estar sendo gentil com ela, apesar de ele ter sempre dado a entender que era uma megera. Já devia ter percebido que a palavra dele não era confiável.

— Ora, Louise, não me diga que vai se compadecer da garota? — Arthur ergueu uma sobrancelha, o tom de voz ríspido.

— Sermos casados não significa que eu... — Lady Sttaford, Louise, foi interrompida por mais um ataque de tosse, segurando-se num móvel próximo.

Era uma tosse profunda, do tipo que normalmente só se via em mendigos doentes ou idosos. Nelly quis ajudar, mas não sabia o que fazer. — Não significa que eu seja insensível como você. Não pode deixar essa garota com a vida arruinada.

— E o que espera que eu faça? — Ele se virou para a esposa, revirando os olhos. — Mesmo que eu assuma a criança, a reputação dela será jogada na lama de qualquer jeito. Nem sabemos se essa criança é minha mesmo. — Ele voltou a olhar para Nelly. — Sugiro que encontre um marido disposto a se casar com você, antes que a barriga apareça.

— Eu... — Nelly já havia pensado nisso, mas quem a aceitaria? Todos os homens que conhecia recusariam criar o filho de outro e se casar com uma mulher arruinada.

— Case-se você com ela, Arthur. — Louise os interrompeu. Ambos se viraram para ela. — Todos os médicos disseram que eu não tenho muito tempo, é provável que consigam oficializar as coisas antes que o bebê nasça. Haverá um escândalo por ignorarem o período de luto, mas não será tão grande quanto se ela fosse exposta agora, ou tivesse a criança solteira. — Ela tossiu mais uma vez, voltando a olhar para a garota. — Se você me prometer que vai cuidar do meu filho com o mesmo carinho que cuidará do seu, vocês tem minha benção.

— Lady Stafford, eu...

— Me chame de Louise, querida. E não fique tão surpresa comigo, o insensível aqui é ele.

Lorde Stafford acabou aceitando, por mais que não quisesse, não negaria o último pedido da esposa. Louise faleceu dois meses depois, com Nelly ao seu lado. Haviam se tornado amigas, por incrível que pudesse parecer. No mês seguinte eles se casaram, e com mais quatro meses, em meio aos boatos e escândalos, Katherine Linton nasceu.



Capítulo 1

Londres, 1826.

Era o debutê dela. Totalmente atrasada na vida, Katherine estava debutando aos vinte e um anos. Deveria ter sido apresentada à sociedade londrina como uma garota normal aos dezessete ou dezoito, mas o escândalo de seu meio irmão casar com uma criada a teria prejudicado, então a mãe optou por atrasar até que quase ninguém se lembrasse do ocorrido. Já bastava o fato de que os mais velhos sabiam que ela era uma bastarda, não precisava do peso de dois escândalos. Nelly queria a reputação da filha o mais limpa possível.

De certa forma ela considerava bom o atraso, teve mais tempo para se preparar. Não entraria na sociedade como uma adolescente sonhadora, e sim como uma mulher decidida. Sabia o que queria: um marido bom e respeitoso, que fosse cuidar dela e fazê-la feliz. Acima de tudo ela sabia o que não queria, e o que jurava com todas as forças que nunca faria: se arruinar. A mãe sempre a advertiu quanto a isso, cresceu ouvindo os boatos e comentários sobre como os pais se casaram, e manteria distância de qualquer risco para seu nome. Até aprendeu o bastante sobre a sociedade para ficar longe de todos os libertinos conhecidos. Iria encontrar o marido perfeito, com a reputação perfeita, e esquecer de todos os escândalos de seu passado.

E sua vida começaria esta noite, no baile de máscaras. A anfitriã era Lady Hayston, esposa do Visconde de Hayston. As irmãs mais novas dela haviam recentemente se casado com o Duque de Hampton e com o Marquês de Langford. Eram uma família de prestígio, o cenário perfeito para seu ingresso na sociedade, e ela não podia estar mais ansiosa. Nesse momento estava se arrumando, com a ajuda de uma criada e da esposa do irmão — sua antiga criada.

Por mais que já fizessem alguns anos, ainda achava estranho que Merilyn fosse agora sua cunhada, considerando que ela costumava trocar seus lençóis e trançar seu cabelo, mas de acordo com o irmão, quando o amor acontece não se escolhe com quem é. O bom nisso foi que ela e Meri já eram amigas, então se tornaram irmãs após o casamento.

— Você não está nervosa, Meri? — Também era a primeira noite de Merilyn na sociedade como Viscondessa Stafford, e ela parecia bem mais calma do que Katherine.

— Não muito. — Ela deu de ombros, sorrindo. — Sim, a sociedade me assusta um pouco, mas eu não preciso realmente impressionar ninguém. O único homem que me importa se apaixonou por mim em trajes de criada, com uma

touca nos cabelos e coberta de espuma. — Ela riu. — E se quiser um conselho, sugiro que encontre um homem que a ame não importa como esteja.

— Na sociedade amor nem sempre é uma opção. Basta ver meus pais, ou a relação *dele* com a primeira esposa. — Ela não gostava de mencionar o nome do pai, e desde que ele morreu há alguns anos ela não precisou mais fingir que não o desprezava. Nunca perdoaria o que aconteceu com a mãe, e o fato de que tudo aconteceu pelas costas da esposa doente dele... ela o desprezaria pela vida toda.

— Eu agora sou parte da sociedade, e amo seu irmão. Se somos exceções à regra, você pode ser uma também. — Meri sorriu, sendo a mesma otimista de sempre. A criada que trançava o cabelo de Katherine sorriu também.

— Você é uma linda sonhadora, sabia? — Kate riu, dando de ombros. — E acho melhor nos vestirmos logo, a festa começa em algumas horas e só Deus sabe como eu vou me mover naquele vestido. Onde eu estava com a cabeça quando decidi ir como Ana Bolena?

— Por isso eu fui mais prática, um vestido verde com detalhes demais, uma máscara com folhas e posso me chamar de Mab. — Ela sorriu. — Queria poder usar o cabelo solto, mas aparentemente essa liberdade não existe para uma Viscondessa, nem mesmo fantasiada.

— Se eu tivesse os seus cabelos, também iria querer deixá-los soltos. — Katherine sorriu. Os cabelos de Merilyn tinham um tom de ruivo avermelhado que parecia estar em chamas, com ondas e cachos por toda sua extensão, e, antes de se casar com Daniel, ela os mantinham presos numa touca o tempo todo. Enquanto isso, Katherine tinha um tom comum de preto, sem ondas especiais nem nada que a diferenciasse de outra dama, a não ser, talvez, os olhos que herdou do pai: azuis como o céu.

— Kate, seus cabelos são lindos, não comece novamente com o drama de ser sem graça. — Meri sorriu, levantando-se e andando até a cunhada. — Pode deixar, Annie, eu faço o cabelo dela. Tive a ideia perfeita. — Ela dispensou a criada e começou a desmanchar a trança, iniciando um penteado novo.

— Meri, você não devia mais fazer meu cabelo. — Ela tentou virar a cabeça, mas a cunhada a segurou no lugar.

— Acredite, eu gosto de fazer isso. Sem falar que pensei no penteado perfeito para colocarmos uma coroa. — Ela sorriu, as mãos trabalhando habilmente no cabelo. Kate revirou os olhos, mas deixou que ela continuasse, às vezes gostava de fingir que Meri era a irmã que nunca teve. Em alguns minutos o penteado estava pronto, num padrão entrelaçado que Katherine tinha certeza que nunca conseguiria soltar sozinha, e, de alguma forma, a cunhada conseguiu virar seus cabelos para parecerem com uma franja. Ela nunca entenderia como Meri conseguia fazer aquilo. — Pronto. Agora vá dar um jeito de entrar naquele

vestido armado, enquanto eu vou ver se seu irmão conseguiu dar um nó na própria gravata. — Ela riu, saindo do quarto e deixando Kate sozinha em frente ao espelho.

Com alguma ajuda da criada ela conseguiu entrar na fantasia, com todas as saias e detalhes armados. Tinha vários tons de dourado e vermelho, as saias erguidas à sua volta com ajuda de uma armação sobre suas anáguas, com estampas intrincadas de arabescos e símbolos da realeza, com pequenos fios de ouro nas extremidades. Daniel havia gasto uma pequena fortuna nesse vestido, mas disse que ela merecia uma entrada triunfal na sociedade. O corpete do vestido era extremamente apertado e o decote a deixou um tanto apavorada quando viu, mas a costureira insistiu que se fosse totalmente fechado nenhum cavalheiro olharia para ela. Bem, era a hora de deixar de ser uma moça do campo. Ela parou na frente do espelho, encarando o próprio reflexo. A coroa era dourada, com pedras vermelhas que imitavam rubis. Até parecia um pouco com uma rainha medieval, a esposa de um rei. Havia escolhido Ana Bolena por causa da história, pois, assim como sua mãe, ela fora uma amante, e o amor dela com Henrique VIII mudou o mundo. Sim, no final ela foi acusada de inúmeras coisas e decapitada por ordens dele, mas foi o relacionamento dos dois que havia levado a Inglaterra ao que era agora.

Daniel era fascinado por história, talvez o amor dela por fatos antigos se devesse a isso. De qualquer forma, ela queria um amor que mudasse o mundo dela. Costumava comparar Ana Bolena com Julieta e Helena de Tróia, um amor pelo qual valesse a pena morrer ou iniciar uma guerra. Algo tão grande que valesse a pena qualquer risco. Sabia que era tola em sonhar com isso, o amor não era uma realidade para a sociedade, mas continuava sonhando mesmo assim. Respirou fundo, olhando uma última vez seu reflexo antes de se virar e descer as escadas. O irmão e a cunhada estavam esperando na sala de estar, ambos já prontos. Daniel e Katherine não se pareciam quase nada, a não ser os olhos. Ele estava com uma fantasia abstrata, algo verde e marrom. Ela ergueu uma sobrancelha e o irmão riu, dando de ombros.

— Sou um dos seguidores de Mab, nem pergunte. — Ele riu, aproximando-se da irmã. — Você está linda. Nem parece que um dia foi aquela menininha que corria atrás de mim dentro de casa. — Ele riu, enquanto ela balançava a cabeça. Daniel era nove anos mais velho que ela, não era muito, mas ainda assim acabou sendo mais pai do que o verdadeiro. — Porém falta uma coisa. A máscara.

Ele pegou uma máscara dourada de cima da mesa e deu a volta por trás da irmã, posicionando a máscara e a amarrando.

— Ficou perfeita. — Marilyn sorriu para a cunhada. — Agora vamos, não

quer se atrasar para seu primeiro baile, quer?

Kate negou e riu, acompanhando-os até a carruagem. À medida que foram se aproximando da residência Hayston, ela foi ficando mais nervosa, um frio na barriga. Essa noite definiria quem ela seria dali em diante, e não podia arriscar que nada desse errado. Para ter a vida que queria, aquela noite precisaria ser mais que perfeita. Quando desceram da carruagem e entraram no salão de bailes, ela se deparou com um dos lugares mais lindos que já viu na vida.

Era um cômodo amplo, com espaço de sobra para tantos convidados que ela nunca poderia imaginar. As paredes eram em cor de creme, com o rodapé decorado em dourado. Havia vários lustres, mas apenas o central estava aceso, iluminando a pista de dança. A iluminação nas paredes estava propositalmente fraca, dando um ar ainda mais misterioso para que os convidados mascarados não se identificassem antes da meia-noite. Pelos cantos do salão havia mesas com champanhe, vinho e aperitivos.

Katherine estava fascinada, mas se concentrou principalmente nas fantasias dos outros convidados. Havia princesas, damas da Grécia, anjos e cores que não definiam realmente algo. Nunca tinha visto tanta gente no mesmo lugar antes, as cores e estampas se movendo pelo salão de forma a parecer um mosaico antigo. Era fascinante. Ela notou uma Rainha Elizabeth e sorriu, vendo que mais alguém havia se inspirado historicamente. Ainda estava passeando o olhar pelo salão quando o viu.

Do outro lado, perto de uma janela, havia um homem usando uma camisa em tons de creme e dourado, com mangas um pouco bufantes e cheia de detalhes, por cima um colete com a parte inferior similar a um saiote aberto descendo até acima dos joelhos, as calças brancas por baixo ficando visíveis quando ele se movia. As botas eram marrons e quase cobriam os joelhos, presas com uma tira de couro. Ele usava um colar enorme e dourado, adornado com pedras e detalhes, e na cabeça uma coroa cheia adornada e um tanto pontuda. Ela parou onde estava quando reconheceu o motivo de achar a roupa dele tão familiar. Havia visto aquela mesma roupa inúmeras vezes enquanto procurava por sua fantasia. Ele estava vestido de Henrique VIII.



Capítulo 2

Henrique VIII foi escolha do próprio Oliver. O rei que revolucionou a Inglaterra, um homem insano o suficiente para mudar uma instituição milenar apenas para trocar de esposa, definitivamente não havia ninguém à altura, por mais que a irmã o achasse exagerado. Sim, o baile era dela, mas não significava que poderia dar ordens nas fantasias que os convidados iriam escolher.

— Sério, Oliver, não podia ter escolhido algo mais reconhecível? Ninguém vai olhá-lo e pensar “vejam, Henrique VIII”. — Emilly revirou os olhos e ele riu, dando de ombros. Ela estava com uma saia cheia de babados coloridos, da mesma cor que o paletó do marido. Não era uma fantasia propriamente dita, e sim apenas um padrão de cores. Ao lado dela, Corine estava com um vestido escuro, quase preto, e o novo marido vestido de branco. De acordo com o que ela havia dito mais cedo, eles estavam vestidos de vida e morte, e Langford fazia de tudo para agradar a esposa. Oliver achava que a irmã era louca, mas o amor aparentemente além de cego é razoavelmente louco.

— Sua irmãzinha está vestida de morte, e se seus convidados não conhecem a história do próprio país, a culpa não é minha. — Oliver riu, posicionando novamente o colar no pescoço. Os convidados dela chegariam logo, mas, por enquanto, ainda estavam apenas ele, as irmãs e os cunhados. — Hampton me entende, ele também está vestido de rei medieval... Inclusive, quem é esse? — Oliver olhou para o cunhado, que revirou os olhos.

— Um rei germânico... não importa. — Hampton deu de ombros, rindo. Melissa estava ao lado dele, vestida de princesa ou rainha. Eram um casal notável, não havia como negar. O ar parecia se comportar de forma diferente em volta deles, qualquer um há milhas de distância notaria. — Eu não me importo com a fantasia, se dependesse de mim eu nem viria, mas creio que sua irmã usaria isso como motivo para me sufocar durante o sono, e não me sinto pronto para morrer. Foi ela quem escolheu as roupas. — Ele riu, olhando para a esposa e piscando um olho.

— Eu queria o *meu rei*. — Melissa deu de ombros, rindo. — Formamos uma linda família real, não acham?

As irmãs concordaram, enquanto ele só balançou a cabeça. Pegou a máscara branca e dourada que tinha conseguido e amarrou em volta dos olhos, dando um laço desajeitado na parte de trás. Os cabelos estavam bem curtos ultimamente, e ele seguia o padrão da sociedade de não usar barba com frequência. A irmã foi receber os convidados que chegavam e ele ficou por ali, provando alguns aperitivos e observando o salão se encher de gente. Havia todo

o tipo de fantasia, desde cores extravagantes, máscaras exageradas e até uma rainha das fadas. Estava perto da janela quando a viu chegar.

Do outro lado do salão estava a garota mais bonita que ele já havia visto na vida, cabelos negros como a noite, os traços finos com o nariz arrebitado, a boca que parecia formar um biquinho por natureza. A única coisa que não conseguia ver de longe eram os olhos, mesmo assim congelou onde estava por um instante, fascinado por ela. Se tentasse falar agora era provável que não conseguisse. Viveu em Londres a vida toda, frequentou quase todos os bailes desde que tinha vinte anos, e nunca havia visto nada parecido. E foi então que percebeu o traje dela. O vestido vermelho, o padrão antigo e dourado por cima e a coroa, ele teve certeza. Aquela garota, seja quem fosse, estava vestida de Ana Bolena.



Ela quase não acreditou na coincidência, afinal, quais eram as chances? Seu primeiro baile, vestida de Ana Bolena, deparar-se com um Henrique VIII ali. Era algo totalmente surreal, saído de um livro, mais incrível ainda quando ele começou a andar em sua direção. À medida que foi se aproximando, ela pôde vê-lo melhor, a boca era cheia e chamativa, o cabelo curto quase rente à cabeça, alguns poucos fios se sobressaindo. Não tinha barba, e o queixo era fino e definido. Ela não pôde deixar de notar como era bonito.

— Boa noite, senhorita. — Ele fez uma mesura quase exagerada, digna de uma audiência com a rainha, com um sorriso divertido surgindo nos lábios. — Salvo engano, creio que esteja vestida como uma de minhas seis esposas. — Então ela não se enganou, ele estava mesmo vestido de Henrique VIII. E reconheceu a roupa dela também.

— A mais importante delas. — Ela não pôde evitar sorrir, e aproveitou que ele estava mais perto para ver a cor de seus olhos. Azuis cristalinos, mais claros que os seus.

— Mas é claro, senhorita Bolena. — Ele deu um meio sorriso, estendendo uma mão para ela. — Aceitaria uma dança comigo? Sou seu marido, afinal.

— Ficaria honrada. — Ela sorriu, segurando a mão dele. Estavam usando luvas, mas a eletricidade entre eles foi instantânea. Ela nunca havia sentido algo assim antes, mas imaginou ser apenas a emoção de sua primeira dança. As mãos pareciam se encaixar perfeitamente, e quando ele a puxou para perto durante a valsa, os corpos também. Por algum tempo ela apenas olhou para ele, incapaz de pensar em algo para dizer.

— Você é nova aqui, não é?

— Minha primeira temporada, e meu primeiro baile. — Ela sorriu, sendo erguida levemente do chão em uma volta da dança.

— Ah, isso explica tudo. Uma beleza como a sua, eu me lembraria de ter visto. — Ele deu um sorrisinho que quase a derreteu.

Katherine sabia que isso aconteceria. Um cavalheiro bonito, um comentário sedutor... bastaria um deslize e acabaria se arruinando, a mãe sempre a avisou disso. Sim, estavam apenas dançando, mas deveria garantir que não fosse além disso. Ficou em silêncio, enquanto ele a rodopiava mais algumas vezes, em um dos momentos, puxando-a mais para perto.

— Não vai me dizer seu nome, não é? — Ele sussurrou perto demais. Ela sabia na teoria como era uma valsa, como seria dançar com um homem, mas estava descobrindo da pior — ou melhor — forma possível que dançar com um cavalheiro bonito era tremendamente diferente de praticar com seu irmão. — Talvez eu deva chamá-la de Senhorita Bolena a noite toda. — Ele deu um sorrisinho, e ela não teve como não sorrir de volta.

— Nesse caso, eu deveria lhe chamar de Vossa Majestade? — Ela deixou escapar um risinho, erguendo uma sobrancelha.

— Não seria nada mal. — Ele piscou um olho, fazendo-a sorrir novamente.

— Pois bem, Vossa Majestade, creio que nossa dança tenha chegado ao fim. Foi divertido. — Os acordes da música começaram a ser substituídos pelo início de outra dança. Ela quase suspirou de alívio quando se afastaram, pensando com mais clareza agora que a eletricidade havia diminuído.

— Já vai fugir de mim, Senhorita Bolena? Como é sua primeira temporada, vou lhe contar uma coisa: conversas não acabam no momento em que a música para. Muito pelo contrário, é para isso que servem os jardins. — Ela poderia jurar que a voz dele mudou um pouco, que havia ficado mais grave. A piscadinha que ele deu não deixava dúvidas.

— Conversas não terminam em danças, mas reputações terminam em jardins. — Ela não era tola, havia se preparado para isso. — Está muito enganado se pensa que irei me arruinar em meu primeiro baile.

— Prefere esperar até o segundo? — Ele deu um sorrisinho, que desapareceu quando ela não riu também. — Muito bem, nada de jardim. Que tal a varanda? Eu conheço a casa, não vamos estar tão longe dos convidados. Sua reputação estará segura comigo, eu garanto. Pode me condenar à guilhotina se estiver mentindo. — Ele deu um sorriso de canto, brincando com fatos históricos.

Ela deveria ter dito que não. Deveria ter agradecido e se afastado, deveria ter ido dançar com outras pessoas ou comer algum doce que estava sendo servido. Deveria ter feito qualquer coisa que a afastasse dele e daqueles olhos tão claros e hipnotizantes, mas em vez disso tomou a primeira decisão arriscada de sua vida.

Assentiu, entrelaçando seu braço ao dele e caminhando até a varanda.



Oliver não era assim. Ele não insistia, muito menos se envolvia com moças inocentes e novas na sociedade. Suas amantes, em geral, eram viúvas solitárias e mulheres negligenciadas pelos maridos, não se envolvia com alguém que pudesse lhe levar a algum futuro, não queria se casar nem tão cedo. Deveria ter se despedido da garota após a dança, mas não conseguia tirar os olhos dela por mais que tentasse. Não era sempre que encontrava alguém tão perfeito que parecia saído de seus sonhos.

Ele estava fascinado por ela, essa era a verdade. Já havia se encantado por muitas mulheres, não podia negar, por algumas delas ele até se apaixonou por uma noite e seguiu em frente na manhã seguinte. Mas nunca esteve tão sem palavras quanto agora. Pela primeira vez ele conhecia uma mulher nova e seus pensamentos não eram apenas obscenos, havia a conversa e a risada ali. Ao mesmo tempo que podia se imaginar cobrindo os lábios dela com os seus, também podia apenas encará-los por horas a fio ouvindo-a falar. Algumas frases trocadas, somadas à fantasia dela, já deixavam claro uma inteligência que ainda não havia visto em nenhuma garota além de suas irmãs. Bem, e Nicole, mas ela era praticamente irmã dele também.

Soube no instante em que ela concordou que era uma péssima ideia irem até a varanda sozinhos. Nunca faria nada que ela não quisesse, é claro, mas estaria se torturando com a tentação. E se ela indicasse sentir o mesmo...

Ao chegarem na varanda, separada do salão por portas de vidro e cortinas, ele estava ainda mais ciente da presença dela ao seu lado. Não se encontravam mais cercados da cor e do barulho de um baile; estavam cercados pelo silêncio da noite e pela lua cheia. Ela parecia ainda mais bonita.

— Viu só? Nada de mais. — Ele sorriu, soltando o braço dela e se debruçando sobre a borda da varanda, tentando convencer tanto a ela quanto a si mesmo.

— Até agora. — Ela deu um sorrisinho, imitando o gesto dele. Ele sorriu, olhando para ela com o canto do olho. Seria possível que ela estivesse pensando a mesma coisa?

Notou que não tinham muita diferença de altura, ela era no máximo dez centímetros mais baixa. Baixa o suficiente para erguer o queixo para olhá-lo, mas não chegava a ser uma quase anã como a irmã dele. Havia equilíbrio.

— Até agora. — Ele concordou, rindo. — Me deixe perguntar uma coisa, por que Ana Bolena?

— Ela mudou o curso da história. — A garota sorriu, olhando para a lua.

Ele podia jurar que os olhos dela brilhavam mais que as estrelas. Diabos, a garota emanava a própria luz. — Ela e Henrique VIII foram o casal que mudou o mundo.

— Mas foi ele quem tomou a decisão de fato. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Por causa dela. — Ela se virou para ele. — Ele teve muitas mulheres antes e muitas depois, mas a que fez ele arriscar tudo para ficarem juntos foi ela. Foi provavelmente o homem com mais amantes na história da humanidade, e, ainda assim, a única que causou um impacto tão grande a ponto de desafiar o mundo inteiro da época foi ela. O amor que mudou tudo.

— Acredita mesmo que foi amor? — Ele ergueu uma sobrancelha, virando o rosto para ela. — Ele a acusou de adultério, incesto, e a condenou à morte pouco tempo depois de se casarem. Não soa como amor para mim.

— Pode não ter sido no final, mas começou como amor. Ninguém arrisca tudo por alguém se não amar essa pessoa. Henrique arriscou perder o próprio poder, o reconhecimento europeu de seu reinado, apenas para garantir que poderia se casar com a mulher que escolheu. Sim, os motivos dele eram um pouco loucos com todo o discurso de que a primeira esposa havia se deitado com o irmão, mas ainda assim.

— Talvez ele apenas fosse louco. — Oliver deu de ombros, fascinado com ela.

— Não somos todos? — Ela sorriu, deixando Oliver cada vez mais surpreso. Ela não era apenas uma dama bonita, a mente dela aparentava superar o rosto.

— É, creio que somos. — Ele sorriu, observando-a.

— E você, por que Henrique VIII?

— Quase o mesmo motivo de sua escolha. Ele foi decisivo na história da Inglaterra, nada seria o que é hoje sem a decisão dele de seguir o próprio caminho. Ele criou uma liberdade para si mesmo. Se não tivesse se casado com Ana Bolena e não tivessem tido a Rainha Elizabeth, a Inglaterra teria seguido um rumo diferente. Tudo o que conhecemos hoje começou com detalhes. — Oliver deu de ombros e sorriu ao ver o olhar dela brilhar. Não era a única que tinha estudado a fantasia.

— Então, de certa forma, pensamos igual. — Ela sorriu. — Nesta noite, somos os amantes que mudaram a história.

— Somos. Mas não vou lhe sentenciar à morte, essa Ana Bolena irá sobreviver. — Ele sorriu, e ela deu uma risadinha. Um cacho de seu cabelo que não estava bem preso acabou escapando do penteado, ficando em frente a sua máscara. Ele ergueu uma mão instintivamente, afastando o cacho para trás da

orelha dela. Sua mão ficou parada, tocando-a levemente. Não saberia explicar com palavras o que sentiu naquele momento. Não era propriamente desejo, o impulso que teve era algo muito mais profundo que apenas querer tocá-la.

Se passaram alguns instantes sem que ambos se movessem, sendo surpreendidos pelo som de sinos altos vindo do salão de baile. Ela deu um pequeno pulo com o susto e ele riu, balançando a cabeça.

— Foi só o aviso de que é meia noite. Hora das máscaras caírem. — Ele sorriu, puxando a própria máscara dos olhos. Agora sem aquela barreira nos olhos ele a via ainda melhor. Linda. Ela levou as mãos aos cordões da máscara, puxando sem muito sucesso. — Deixe que eu a ajude.

— Acho que ficou preso em meu cabelo...

Ele caminhou até as costas dela, vendo qual era o problema. O cabelo de alguma forma havia sido amarrado junto com a máscara, mas com algum trabalho ele conseguiu soltá-la sem causar muitos danos ao penteado. Ela segurou a máscara antes que caísse, e quando se virou para ele, o mundo de Oliver parou mais uma vez. A garota era ainda mais bonita e, sem nada cobrindo seu rosto, ficava fascinante. Os olhos brilhavam com a luz de milhões de estrelas, a curva de seu rosto e o formato de suas sobrancelhas, cada detalhe dela se harmonizava em perfeição com o resto.

Uma mão dele ficou parada em seu pescoço, o pedido silencioso em seus olhos. Aproximou-se lentamente dela, dando toda a oportunidade para que ela se afastasse, mas ela não o fez. Os olhos se mantiveram nos dele, milhares de pensamentos cruzando os dois. Oliver demorou o quanto pôde, deixando claro que a escolha era dela, sem quebrar o momento com palavras. Quando ela se manteve onde estava, ele não aguentou mais esperar e gentilmente cobriu os lábios dela com os seus.

E a beijou como vinha desejando desde o começo da noite.



Katherine estava sendo beijada. Não deveria, sabia o erro que estava cometendo, mas não conseguiu se afastar dele, não conseguiu desviar o olhar. Havia percebido durante a conversa o magnetismo que havia entre eles, mas agora havia ficado ainda mais forte, e ela não foi capaz de outra reação a não ser permitir que ele a beijasse, sabendo que a culpa não era de ninguém além de si mesma. O que mais a surpreendeu foi o quanto gostou.

A sensação dos lábios dele nos seus era algo totalmente novo e fascinante. O hálito dele era quente contra o seu, e ela mal percebeu que estava abrindo os lábios para os dele, permitindo que suas línguas se encontrassem. Foi tomada de surpresa com a reação de seu corpo ao toque dele, calmo e paciente ao mesmo

tempo em que ardia em cada terminação nervosa como uma fogueira fora de controle. A parte racional de sua mente foi desaparecendo, o instinto tomando conta enquanto ela envolvia as mãos no pescoço dele, os dedos entrelaçados entre os fios curtos do cabelo.

Esqueceu o erro e o perigo por um instante e tentou acompanhar o ritmo dele e corresponder ao beijo, sentindo-o puxá-la para mais perto quando viu que não foi recusado. Uma mão dele estava em sua nuca, enquanto a outra a envolvia pela cintura, e ela se surpreendeu ao notar que não havia pressão e nem força. Ele a segurava com firmeza, mas de uma forma que deixava claro que ela poderia se afastar no momento em que quisesse. Havia sentido isso nos olhos dele e agora no toque, a escolha era inteiramente dela. Agora ela entendia a facilidade de uma dama se arruinar, de se deixar levar pelo momento...

E foi com esse pensamento que ela recobrou a razão, empurrando o peito dele com as mãos. Ele a soltou na hora, sem relutar.

— Isso é errado... eu não deveria ter feito isso. — Ela sussurrou, sua mente dando voltas com o que teria acontecido se alguém os visse.

— A culpa foi minha, perdoe-me. — Ele tentou se explicar, mas não encontrou palavras. Ela balançou a cabeça.

— Eu permiti. — Ela deu alguns passos para trás, notando ser mais fácil respirar quando ele não estava tão perto. Quando o magnetismo não a puxava para ele. — Isso não pode se repetir... sinto muito.

E se virou, quase correndo de volta para o salão, e deixando o estranho maravilhoso para trás. Quando voltou ao baile foi que percebeu quanto tempo havia se passado, o número de pessoas havia diminuído drasticamente. Aproximou-se do irmão, temendo que ele tivesse notado sua ausência.

— Kate, aí está você. — Daniel sorriu para ela. — Estava lhe procurando, mas sabe como eu fico sem os óculos. — Ah, claro. Os óculos. Quem diria que a dificuldade na visão de seu irmão seria sua salvação?

— Eu estava apenas dançando um pouco, descobrindo como é um baile. — Ela não era uma mentirosa muito boa, mas ao menos o irmão não teria motivos para desconfiar de algo. Poderia até passar despercebida.

— Meri mencionou que viu você dançando com Greystone no começo do baile. Fico feliz que não tenha sido deixada de lado. — Ele sorriu, dando de ombros. Katherine ergueu as sobancelhas. Então seu Henrique VIII se chamava Greystone. — Agora vamos, eu já estou exausto. Não lembrava o quanto bailes poderiam ser cansativos.

Ele riu e ela apenas concordou, vendo a cunhada se aproximar deles com um sorriso.

— Estava me despedindo de Lady Hayston, agradecendo pelo convite. Ela

e as irmãs parecem ser as únicas a não se importarem com o fato de que já fui uma criada, são pessoas incríveis. Uma amiga delas tem a sua idade, Kate. Nos chamaram para tomar chá com elas em alguns dias, e eu aceitei. Creio que será uma forma de nos aceitarem melhor na sociedade, se tivermos a benção de uma Duquesa, uma Marquesa e uma Condessa. Três irmãs que são a própria representação da hierarquia social. — Marilyn riu.

Katherine respondeu de forma automática, sem prestar muita atenção no que lhe era dito. Sua mente ainda estava naquela varanda, no beijo do lindo estranho de olhos azuis — Greystone. Não parou de pensar no que aconteceu enquanto estava caminhando até a carruagem, ou enquanto a criada soltava seus cabelos.

Deitou-se para dormir, com a mente ainda dando voltas. Ela sabia que o que fez foi errado, e estava a cada momento mais ciente de tudo que arriscou ao se deixar ser beijada. Mas mesmo assim ela não conseguia se arrepender, não importava o quanto tentasse, não era capaz de se livrar da sensação de que por aquele beijo teria valido a pena se arruinar.



Capítulo 3

O chá de que Marilyn falou após o baile seria hoje, na casa da Duquesa. Não estava acostumada a ter amigas ou a companhia de outras garotas além de Meri, então Katherine estava bem animada. Bem, até o momento em que descobriu que Greystone era irmão da Duquesa. De alguma forma, ela nem estava surpresa com sua sorte, ou a falta dela.

Estava usando um vestido verde claro com detalhes em fitas escuras, o cabelo preso de forma mais simples hoje. Já Meri estava radiante em um vestido em tom de coral que parecia feito para combinar com seus cabelos. Estava se adaptando surpreendentemente bem à sociedade, parecia ter nascido para isso. Kate ficava feliz de vê-la assim, não haviam contado à Meri, mas ela e o irmão estavam com medo de que ela fosse ser isolada pelas damas da alta-roda.

A carruagem parou em frente à residência Hampton e o cocheiro as ajudou a descer. O mordomo da casa as recebeu e as guiou até uma sala de estar toda decorada em tons de rosa, onde se encontravam quatro garotas. Katherine as observou. Uma tinha cabelos cor de caramelo e era baixinha; a do lado tinha cabelos castanhos e era um pouco mais cheinha que as demais. Havia duas loiras, uma num tom mais escuro, e com traços similares aos das outras duas, então Kate concluiu que eram as três irmãs e a amiga. Duas das irmãs tinham olhos castanhos, mas os da baixinha eram tão verdes quanto seu vestido. Foi ela quem se aproximou primeiro.

— Sejam bem-vindas. Lady Katherine, é um prazer conhecê-la. — A garota sorriu. — Sou Melissa Rasbury, Duquesa de Hampton. Essas duas são minhas irmãs, Emilly, Marquesa de Hayston e Corine, Condessa de Langford. — Ela indicou a de cabelo escuro primeiro, e depois a loira. — E aquela é Nicole, filha do Conde de Valbury. Se quiser manter sua sanidade, recomendo que ignore metade do que ela diz.

— Ei! — Nicole reclamou e as garotas riram. Kate ainda estava um pouco insegura, mas riu também. Meri não tinha esse problema, é claro que já estava agindo como se as conhecesse há anos. Uma vantagem de ter vivido como criada era a timidez inexistente. Kate se sentou no sofá ao lado de Nicole, que sorriu para ela. — Não escute o que elas dizem, sou a mais sensata do grupo. Elas apenas têm inveja que mesmo sendo a última solteira, eu sempre soube mais que elas, sobre tudo. — Nicole piscou um olho, dando uma risadinha.

— Ela tem a péssima influência de ter crescido vizinha do Conde de Sandsore. Não são todas que têm a chance de crescer ouvindo piadas inapropriadas e histórias sobre Eton. Nós temos um irmão, mas Oliver nunca nos

contou *nada* que fosse remotamente interessante. — A loira, Corine, fez uma careta e riu. Katherine se surpreendeu ao perceber que Oliver era o nome de batismo de Greystone, seu Henrique VIII. Bonito.

— Daniel também nunca me disse nada, parecem até ter uma regra sagrada, proibindo-os de contar para nós sobre a “maravilhosa vida masculina”. — Katherine deu de ombros, fazendo as outras rirem.

— Se for assim, tudo fará sentido. — A Duquesa riu, virando-se para Nicole. — Regras existem para serem quebradas por Sandsore. Hampton já me contou algumas das histórias dele, provavelmente nem metade do que você sabe.

— Às vezes eu creio saber mais delas do que o próprio Si... Sandsore. — Nicole deu de ombros, rindo. — Mas chega de me perseguirem com isso, vamos focar em algo mais importante: Katherine e Marilyn. Nos falem sobre vocês, não é sempre que temos rostos novos por aqui.

Katherine e a cunhada se entreolharam, até que Meri deu de ombros e começou a falar primeiro.

— Vocês já devem saber a informação mais óbvia. Eu era uma criada até alguns anos atrás, quando Stafford me conheceu e se apaixonou. Nos casamos pouco tempo depois. — Ela sorriu, vendo os olhares das garotas. — O que foi?

— Parece um conto de fadas. Você é a própria Cinderela! — Corine riu, com uma animação quase exagerada. — Como foi que vocês se conheceram? Faz tanto tempo que não escuto uma história de amor...

— Cori, sua própria história de amor foi há um mês e meio atrás... — Emilly, a que estava calada até então, virou-se para a irmã.

— Exatamente, já faz muito tempo. — Corine deu de ombros, rindo. Marilyn balançou a cabeça.

— Ele tinha viajado, e, no exato momento em que voltou, eu estava no quintal, ajudando a lavar roupas, com uma touca no cabelo e coberta em espuma. Ele disse que eu era a mulher mais linda que já havia visto, e eu até hoje juro que ele só achou isso porque ainda não usava os óculos na época. — Ela riu, sendo acompanhada por todas as outras.

— Isso é tão lindo! — Corine suspirou. Nicole deu uma risada e revirou os olhos, virando-se para as duas convidadas.

— Estão vendo isso? Corine parece viver nas nuvens. Ela teria tido um verdadeiro ataque cardíaco se não tivesse conhecido Langford. — Nicole riu, balançando a cabeça. — Espero que não seja uma das desesperadas, Katherine... posso chamá-la de Kate?

— Pode. — Kate riu, balançando a cabeça. Já dava pra ver que Nicole era a mais língua solta do grupo. — E não, não estou desesperada. Gostaria de me casar nessa temporada, mas não será o fim do mundo se não acontecer.

— Viu só Cori? Ela é sensata. — Nicole riu. — Penso o mesmo. Já é minha terceira temporada e eu não podia me importar menos. Mel só encontrou um marido agora, na... era a oitava, nona temporada? — Ela deu de ombros. — Emy acho que foi na terceira ou quarta, não lembro. Eu não estava aqui ainda.

— Isso, pode me chamar de velha. — Emilly revirou os olhos, com uma risada.

— São apenas fatos. — Nicole riu e se voltou novamente para Kate. — Elas acham que eu sou louca.

— E estão certas?

— Talvez. — Elas riram. — Apenas não ligo muito para toda a questão de casamentos e obrigações da sociedade.

— Mais uma vantagem de ter crescido ao lado de Sandsore. — Melissa balançou a cabeça. — Mas concordo com isso de não se desesperar. Demorei quase dez anos, mas encontrei um ótimo marido. — A Duquesa sorriu.

— É, vamos fingir que foi tão simples assim. — Nicole riu, balançando a cabeça.

Boa parte da tarde seguiu com conversas assim, sobre os mais diversos assuntos e Nicole sempre fazendo comentários inapropriados. Katherine, aos poucos, sentia-se mais confortável com elas, e percebeu que estava formando ótimas amizades. Estava quase no final da tarde quando o mordomo bateu levemente na porta da sala para anunciar a chegada de mais uma visita.

— Lady Hampton? Seu irmão está aqui. — Katherine tentou não arregalar os olhos, mas sentiu o sangue esfriar nas veias ao ouvir essas palavras. Greystone, seu Henrique VIII, estava ali.

— Diga a ele que entre. — A Duquesa sorriu, e, segundos depois, Oliver estava ali. Kate sentiu o coração se apertar ao perceber que ele era ainda mais bonito em roupas comuns, sem nenhuma fantasia. E podia vê-lo bem melhor agora, no claro.

— Boa tarde. — Ele sorriu, correndo os olhos pela sala e parando ao encontrar os dela.



Oliver não sabia se era sorte ou a falta dela, mas não podia acreditar que ela estava ali. A garota do baile, sua linda Ana Bolena. Sabia que era irmã do Visconde de Stafford, havia perguntado para as irmãs depois da festa. Não esperava vê-la novamente hoje, e foi pego de surpresa pela própria reação. Exatamente como naquela noite, ele simplesmente parou. Sem fala, sem reação, os olhos presos nela. Isso definitivamente não era comum. Balançou a cabeça, recobrando o que podia de consciência e se virando para a irmã.

— Mel, nossa mãe pediu para lhe entregar isso. Aparentemente fui rebaixado de Marquês e futuro Duque para mensageiro da família. — Ele deu de ombros e entregou o envelope da mãe, os olhos frequentemente escapando para a garota.

Havia pensado nela mais do que gostaria de admitir. Aquela mulher era diferente de tudo que ele já havia visto, e ele estava começando a pensar que ela poderia levá-lo a loucura se não tomasse cuidado. Ou pior, ao altar.

— Oliver? — Percebeu que a irmã já o havia chamado mais vezes e balançou a cabeça, prestando atenção agora. — Vai ficar em pé aí? Sente-se, estamos tomando chá. Vou pedir para Gladys trazer mais uma bandeja daqueles seus biscoitos favoritos. — Melissa sorriu, fazendo um gesto para o sofá. Bem, ele não tinha escolha. Ficou em silêncio enquanto a irmã lia o bilhete da mãe, tentando não desviar o olhar e encarar a linda garota de cabelos pretos. Queria saber o primeiro nome dela.

— E então? O que mamãe mandou dizer? — Corine encarou a irmã, os olhos saltando de curiosidade. Oliver já sabia o que era, ao menos em geral. Alguma festa.

— Ela vai dar uma festa no campo, na verdade é um convite para passarmos quase uma semana lá. Papai não está bem de saúde, e esse foi o jeito que ela encontrou de ir para o campo sem perder o movimento da temporada. — Melissa ergueu os olhos do papel, sorrindo. — Aqui diz que terá um grupo de convidados também, e ela enviou os convites hoje.

— Ela diz quando? — Emy perguntou.

— Na próxima semana, vai precisar de alguns dias para organizar tudo.

— Deixar a casa à prova de escândalos. — Nicole riu, e as duas novatas se viraram para ela.

— Escândalos? — A de cabelos pretos perguntou, e Oliver se virou imediatamente. A voz dela era tão fascinante quanto o resto.

— Mas é claro. — Nicole riu. — Você cresceu no campo, Kate, e nunca foi a uma festa dessas? — Ah, então o nome dela era Kate. Ela negou com a cabeça, e Nicole revirou os olhos. — Bem, para resumir a longa tradição, não existe celebração de campo decente sem ao menos um escândalo. As que acontecem fora de temporada são as melhores, mas não se deixe enganar. Uma semana no auge da temporada pode ser tão perigosa quanto. Casais flagrados em jardins, maridos descobrindo suas esposas com um amante, boatos de que damas direitas foram até o quarto de um libertino na calada da noite, namoricos em varandas escuras... acontece de tudo.

Nicole sorriu, orgulhosa de seu conhecimento vasto sobre as indecências do mundo. Os olhos de Kate se voltaram rapidamente para Oliver quando a

palavra “varanda” entrou em contexto.

— E me deixe adivinhar — a garota dos cabelos vermelhos se virou para Nicole —, aprendeu tudo isso com seu amigo libertino de quem falou antes?

— Eu não deveria contar, mas como toda a sociedade já sabe, a maioria dos exemplos que citei já foram vividos por ele. Mas Si... Sandsore — ela constantemente precisava se corrigir para não chamá-lo pelo primeiro nome — não é o único. Nosso caro Greystone aqui já foi foco de um escândalo ou dois, estou certa?

Não fosse o medo de causar problema com os Valbury, Oliver teria sufocado ela com uma das almofadas bordadas de sua irmã. Não precisou ver para sentir os olhos de Kate sobre si. Ficou quieto, torcendo para que ao menos dessa vez Nicole se calasse. E é claro que não foi o caso.

— Ah, o caso da janela, certo? — Melissa se virou para a amiga, rindo.

— Janela? — A voz de Kate soou diferente. Havia algo mais por baixo da curiosidade, ele podia sentir.

— Ele era amante de uma mulher casada, de acordo com a história dele, o marido não dava a atenção que ela merecia. Seja como for — Nicole sorriu, dando a impressão de ter sido enviada do próprio inferno —, ele estava nos aposentos dela, quando o marido chegou mais cedo que o esperado. Eu infelizmente não vi a cena, mas Sandsore e Hayston juram de pés juntos que ele ficou pendurado na janela, com o colete desabotoado e a camisa para fora da calça, enquanto criava coragem de pular.

— E o marido dela, descobriu? — A garota de cabelos vermelhos perguntou, parecendo se divertir muito mais do que Kate com a história. Oliver continuou em silêncio.

— Talvez. Nenhuma das testemunhas disse quem era a mulher, apenas que era uma dama casada. Depois disso todos os maridos que souberam do acontecido passaram a cuidar melhor das esposas. — Foi Melissa quem acabou de contar a história, rindo. — Afinal, você fez uma boa ação, não foi?

— Vocês estão parecendo duas velhas fofoqueiras. — Ele resmungou, e as duas riram de novo.

— Estou apenas treinando para o futuro. — Nicole riu, dando de ombros. — Mas, infelizmente, teremos que deixar outras histórias para depois, já está ficando tarde.

— Bendito seja o tempo por passar. — Oliver resmungou, revirando os olhos.

— Vamos, nós lhe acompanhamos. — Emilly fez um gesto indicando ela e Corine. Nicole ergueu uma sobrancelha.

— Sou tão arriscada assim que preciso de duas acompanhantes casadas para me vigiar? — Ela riu, balançando a cabeça e se levantando. Oliver se levantou também, como mandava a etiqueta. Por mais que estivessem entre família na maior parte, havia duas convidadas, e uma delas ele queria impressionar.

— Claro, você é a maior ameaça existente ao bem da sociedade. — Corine riu, indo abraçar a irmã para se despedir.

— Talvez já esteja na hora de irmos também. — Kate se virou para a outra garota, e Oliver lembrou que era provavelmente a cunhada dela. — Estamos abusando da hospitalidade de Lady Hampton. — Ela sorriu, levantando-se.

— Não diga besteiras, são muito bem-vindas aqui. — Melissa sorriu. — Antes de irem, Lady Stafford, vou pedir que Gladys lhe diga a receita daqueles biscoitos que adorou. — Ela sorriu.

— Bem, nós vamos indo. Até mais. — Nicole caminhou até a porta com as outras duas, e Oliver mordeu a língua para segurar um “graças a Deus” por ela ter saído.

— Venha, vou lhe levar até a cozinha. — Melissa sorriu para Lady Stafford, virando-se para o irmão. — Oliver, você faria a gentileza de fazer companhia à Lady Katherine? Não iremos demorar. — Melissa sorriu. Ele registrou o nome na mente, percebendo que Kate era um apelido. Gostou mais de Katherine.

— Se a senhorita não se incomodar. — Ele olhou para Katherine, com um traço de divertimento no olhar. Para todos os efeitos, eles eram praticamente estranhos.

— Contanto que não demorem... e deixem a porta aberta, é claro. — Ela sorriu para a cunhada e para a amiga, e ele segurou o riso. O que ela pensava, que ele iria tomá-la ali naquele sofá? Não seria má ideia, mas mesmo assim...

— Não iremos demorar. — Melissa sorriu e saiu porta afora, acompanhada por Lady Stafford. Oliver esperou ter certeza de que elas estavam longe o bastante e se virou para Katherine.

— Então finalmente descobri seu nome, Ana Bolena. — Ele deu um sorrisinho, observando-a.

— Não. — A voz dela não parecia muito firme. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não é seu nome?

— Não fale como se nos conhecêssemos. Como se tivéssemos algum nível de intimidade maior que o de duas pessoas que apenas se encontram por acaso.

— Considerando nosso último “encontro por acaso”, creio que temos sim um certo nível de intimidade. — Ele ergueu uma sobrancelha, com um

sorrisinho. Ela não sorriu de volta.

— Não diga essas coisas em voz alta, por favor. Se alguém escuta... — Ela balançou a cabeça, claramente sem querer nem imaginar.

— Arrependeu-se daquela noite? — A voz dele perdeu o tom brincalhão, ficando mais séria. Não fazia nada com garotas que não quisessem.

— Foi um erro. Eu tive tanta culpa quanto o senhor teve, Lorde Greystone, mas não podemos repetir aquilo. Tenho uma reputação em jogo, a chance de um casamento. — Ela desviou o olhar. — Por isso peço que se mantenha distante de mim.

— Acha que até minha proximidade é um risco? — Ele ergueu uma sobrancelha, observando-a. — Não vou lhe atacar, Lady Katherine. Não farei nada que a senhorita não demonstre querer tanto quanto eu. Pode ficar tranquila.

— O senhor é um libertino, e a conversa de hoje provou isso. Apenas sua proximidade já é o bastante para me por em risco da ruína. Basta um boato se espalhar e pronto. Sei bem como isso funciona. — Ela o encarou, os olhos firmes.

— Se é isso que quer, não irei lhe pressionar. Mas se eu vê-la sozinha em um salão de baile, não pense que não irei lhe chamar para dançar. Não corre nenhum risco em público, certo?

Ele deu um sorrisinho de lado, e, antes que ela pudesse responder, a irmã voltou acompanhada de Lady Stafford.

— E então, sobre o que falavam? — Melissa sorriu, olhando para os dois.

— Lady Katherine estava me dizendo o que está achando de Londres. — Oliver sorriu, experiente em inventar mentiras rapidamente.

— Bem, vocês poderão continuar a conversa em uma outra ocasião. Já está tarde, Kate, e seu irmão já deve estar preocupado conosco. — Lady Stafford sorriu para a cunhada. — Lady Hampton, muito obrigada por nos receber.

— Apareçam mais vezes. — Melissa sorriu. — E podem me chamar de Mel, somos amigas.

— Até mais, Mel. — Katherine sorriu, e ela e a cunhada saíram. Oliver viu o olhar da irmã e se despediu rapidamente, antes que ela pudesse dizer algo. Não mentiria para a irmã, então era melhor que não fizesse perguntas.

E mais uma vez, pelo resto do dia, ele pensou em Katherine.



Capítulo 4

Alguns dias depois.

A carruagem já estava dando sinais de que iria parar. Estavam chegando na residência Briston no campo, em Kent. Quando chegou em casa naquela tarde, tinham convites esperando sobre a mesa de Daniel. Marilyn precisou de um pouco de trabalho para convencer o marido, e a mãe havia preferido ficar em Londres, não estava se sentindo bem ultimamente. De qualquer forma, estavam indo para o pequeno evento de campo. Mas talvez “pequeno” não fosse o termo mais apropriado.

A casa que via surgindo era enorme. Os tijolos marrons que claramente já estavam ali há muito tempo, os detalhes brancos contornando as inúmeras janelas. Era, de fato, uma residência Ducal. Várias vezes maior que a casa onde cresceu no campo, ela imaginou o labirinto que seria lá dentro.

— Kate? O que foi? — o irmão perguntou, percebendo a expressão dela.

— A casa é enorme. Comecei a pensar que talvez fosse me perder. — Ela sorriu, ouvindo a risada do irmão.

— Eu tenho problemas de visão e você é quem vai se perder? — Ele riu. Hoje estava usando os óculos, dos quais precisava perdidamente. Quando eram mais novos, ela frequentemente se aproveitava da “cegueira” do irmão, como chamava, para lhe pegar peças.

— Sou eu que tenho a má sorte da família. — Ela riu, enquanto Marilyn revirava os olhos.

— Eu e sua mãe já lhe dissemos mil vezes para não repetir isso, Kate. Vai acabar atraindo uma má sorte de verdade. — Ela balançou a cabeça. — De qualquer forma, não creio que vá se perder. Minha mãe trabalhava em uma casa desse tamanho quando nasci, e nunca me perdi. Basta seguir o corredor e eventualmente chegará onde precisa.

— Se mesmo assim eu me perder, vou jogar a culpa em você. — Ela riu, e então a carruagem parou. O lugar era ainda mais bonito quando visto de perto, mais majestoso. Lady Briston estava esperando pelos convidados na porta de entrada, dando as boas-vindas aos que chegavam.

— Ah, Lorde e Lady Stafford. — Ela sorriu. — Lady Katherine. Fico feliz que tenham vindo, espero que aproveitem sua estadia. Um criado irá mostrar suas acomodações. Lady Katherine, espero que não se incomode, mas como a senhorita não tem irmãs optei por lhe colocar no mesmo quarto que Lady Nicole, que também ficaria sozinha. É mais apropriado, entende?

— Problema algum, Lady Briston. Já conheci Nicole e nos demos muito

bem. — Kate sorriu, animando-se. Ao menos não estaria sozinha, e Nicole já devia conhecer o lugar como a palma da mão, então não deixaria que ela se perdesse.

— Muito bem, a Sra. Willoughby vai lhes mostrar o caminho. — Lady Briston sorriu, indicando uma criada um tanto rechonchuda, que já parecia ter uns bons cinquenta anos. Katherine notou a semelhança de Lady Briston com os filhos. Os olhos castanhos iguais aos da mais velha e da mais nova, mas em nada parecidos com os verdes de Melissa ou os maravilhosos azuis de Oliver.

Katherine suspirou internamente ao perceber que estava mais uma vez pensando nele. Podia fazer milhares de listas explicando a si mesma por que aquilo era errado, e, ainda assim, continuaria pensando nos olhos dele, na forma como sorria de canto e como parecia imaginar incontáveis indecências por minuto. A criada a deixou em uma porta no que ela entendeu ser o “corredor das solteiras”, a ala onde estavam as moças desimpedidas, provavelmente o mais distante possível de qualquer homem. Quando abriu a porta, Nicole já estava lá.

O quarto era bem amplo, em cada lado havia uma cama alta com mais lençóis e colchas do que o necessário e vários travesseiros, uma em tons de verde e a outra, onde Nicole estava sentada, em tons de azul. Ao lado de cada cama havia mesinhas de apoio, e no pé da cama de Nicole estava seu baú com roupas. Katherine imaginou que o dela chegaria em breve.

— Pensei que não fosse vir. — Nicole desceu da cama alta sem o mínimo esforço, sorrindo. — Espero que não tenha se incomodado em ficarmos no mesmo quarto. Tia Clarissa normalmente me deixa ficar sozinha, mas achei que seria injusto lhe colocar com uma desconhecida.

— Na verdade eu fiquei bem feliz com isso, você será minha garantia de que não vou me perder pelos corredores. — Katherine sorriu, observando enquanto Nicole fechava a porta e se sentava de novo na cama.

— É uma casa de campo, o maior objetivo aqui é se perder. — Nicole deu uma piscadinha, rindo. Katherine balançou a cabeça e subiu na própria cama, precisando dar um pulinho. De quem era a ideia de fazer camas tão altas?

— Não pretendo me perder, de jeito nenhum. — Katherine automaticamente pensou em Oliver, e se odiou por isso.

— Tem certeza? Porque pela forma que você e Oliver se olharam aquele dia, tenho quase certeza de que já estão perdidos... — Nicole riu da expressão de espanto que Katherine fez. — Não se preocupe, acho que mais ninguém notou e eu não vou contar. Tenho um olho bom para essas coisas. — Ela sorriu.

— Deixe-me adivinhar, o tal de Sandsore lhe ensinou a decifrar olhares? — Katherine tentou mudar de assunto, com um sorrisinho.

— Bem que ele gostaria. — Nicole sorriu, balançando a cabeça. — Não,

aprendi sozinha. Uma vantagem de estar sempre observando em silêncio e prestando atenção nas coisas. — Ela deu de ombros. — Vi uma tensão entre você e Oliver... eu deveria chamá-lo de Lorde Greystone. O ruim em crescer cercada de nobres é que esqueço de usar os títulos. Faço a mesma coisa com Simon, talvez até com mais frequência. Enfim, quer me contar o que aconteceu entre vocês? Prometo guardar segredo.

— Não aconteceu nada de mais. — Katherine não perdeu mais tempo tentando fugir da resposta, quanto mais conhecia Nicole, mais percebia o quanto ela era direta. Algo raro na sociedade. — Nós dançamos juntos no baile de máscaras, ele estava de Henrique VIII e eu de Ana Bolena.

— E...? Não espera que eu acredite que foi apenas isso, não é? — Nicole sorriu. — Pode confiar em mim, Kate. Posso parecer um tanto louca quando falo abertamente assim e ignoro a maioria das convenções sociais, mas gosto de acreditar que sou uma boa pessoa. E se realmente não quiser falar, eu paro de perguntar, mas algo me diz que você precisa de alguém com quem conversar. Não tem muitas amigas, certo?

— Apenas Meri e minha mãe, mas definitivamente não seria uma boa ideia comentar isso com elas. Mamãe tem muito medo de reputações arruinadas, e com razão. E Meri acaba contando tudo para meu irmão.

— Viu só? Você precisa de uma amiga, e eu posso ser uma ótima, se deixar. Também não tenho irmãs, e desde que Melissa se casou ficou mais complicado conversar com ela. — Nicole sorriu, dando de ombros. Katherine teve certeza de que podia confiar nela, então sorriu de volta.

— Greystone me beijou na varanda — contou de uma vez, sem pensar, antes que mudasse de ideia. Falar isso em voz alta foi como tirar um peso das costas. — Foi um completo erro, me arrisquei muito, mas mesmo assim... não consigo me arrepender. Você já ouviu a história de minha mãe, certo?

— Acho que ouvi falar, mas nunca soube por completo. Só sei que o casamento dela com seu pai foi cercado de escândalos.

— Ela era a amante dele. Foi enganada pelo charme e pela conversa dele, se deixou arruinar e engravidou. Ele ainda era casado com a mãe de Daniel na época, Louise. Ela estava doente, e fez de seu último desejo que mamãe e ele se casassem, se compadeceu da garota arruinada. Ainda assim a reputação dela não ficou intacta, foram boatos de todos os tipos envolvendo o casamento rápido dos dois e meu nascimento apenas seis meses depois. — Katherine deu de ombros, percebendo que era a primeira vez que comentava isso com alguém. — O maior medo dela é que eu também seja arruinada.

— E é por isso que não quer se arriscar. — Nicole olhou para ela. — Eu entendo, mas se estiver pensando que Greystone, Oliver, é um risco para sua

reputação, pode ficar tranquila. — Ela sorriu. — Ele não é de espalhar por aí o que faz, aquele caso da mulher casada só é conhecido porque teve testemunhas. E Simon sempre diz que ele é meio *tapado* às vezes, inofensivo.

— Espero que esteja certa. O pior de tudo é que nem posso culpar ele se isso vier a público, pois ele não me beijou a força. Muito pelo contrário, eu não só permiti como também o beijei. — Kate suspirou, fazendo uma careta.

— Sempre beijamos de volta. É inevitável. — Nicole deu de ombros, com uma risadinha. — Mas pode ficar tranquila, ninguém irá saber. — Nicole olhou para a janela do quarto e se levantou. — E creio que já esteja quase na hora do jantar, seria melhor começarmos a nos arrumar. — Ela sorriu, indo abrir seu baú e mudando totalmente o assunto para vestidos e fitas.

Katherine sorriu, indo ajudá-la a escolher um vestido. Estava começando a se acostumar com a energia de Nicole, e a mudança na conversa era reconfortante. A amiga nunca se prendia demais a um assunto, e o que disse realmente fez Katherine se sentir mais calma. Talvez nem fosse mais se incomodar em vê-lo hoje à noite.

Talvez.



Oliver tinha um ótimo motivo para detestar eventos no campo: ter que obedecer regras de etiqueta na casa onde cresceu. Era a hora do jantar e, em vez de apenas irem até a mesa como sempre, precisavam esperar todos os convidados, seguir toda uma pompa para entrar em pares e por lugar na mesa, até que enfim pudessem comer. Seria mais fácil se esgueirar para a cozinha e roubar uma cesta de queijos, mas sua mãe o mataria se fizesse isso.

Estava na sala ao lado da sala de jantar — achava ridículo a necessidade dessa sala extra — enquanto esperava a chegada dos outros, quando ela entrou. Acompanhada do demônio em pessoa — ou Nicole, como a irmã a chamava — Katherine estava deslumbrante. O vestido era em tons amarelos que lembravam o verão, uma fita na mesma cor em contraste com os cabelos pretos. Ele não conseguia entender o motivo, mas sempre ficava sem fala quando seus olhos a encontravam pela primeira vez.

Deveria cumprir o que ela pediu, manter-se afastado e não pôr a reputação dela em risco, mas quando viu Sandsore se aproximar das duas para falar com Nicole, a única coisa que conseguiu pensar foi “*não posso ser pior do que ele*”. Andou até lá, com o sorriso mais cordial e educado que pôde.

— Boa noite, Senhoritas. Sandsore — ele cumprimentou, fazendo um movimento de cabeça.

— Lorde Greystone. — As duas falaram, mas ele prestou atenção apenas

em Katherine.

— Lady Katherine, está gostando da casa? Espero que essa... *criatura* não esteja lhe incomodando. — Ele deu uma olhada para Nicole, que riu.

— O que fez com ele? — Sandsore ergueu uma sobrancelha, encarando a loira. Ela deu de ombros.

— Talvez eu tenha exposto para uma sala cheia de damas a vez em que ele ficou pendurado naquela janela.

— Boa garota. — Sandsore e ela riram, enquanto Oliver revirava os olhos. De novo. Podia jurar que mais meia hora com eles e cavaría um buraco no próprio crânio.

— Estou gostando, sim. A “*criatura*” é uma ótima amiga, na verdade. — Katherine deu uma risadinha. — Não deveria se referir a uma dama assim, Lorde Greystone.

— Considerando que a dama em questão é minha prima, quase irmã, e não consegue manter a boca fechada... — Ele deu de ombros, rendendo-se e dando um sorrisinho.

— Não é culpa dela se você não consegue manter as calças fechadas. — Sandsore era outro, não podia ver uma oportunidade de ficar calado que fazia exatamente o oposto.

— Que tal vocês dois irem rir às minhas custas do outro lado da sala? — Oliver ergueu uma sobrancelha, arrancando mais risadas dos três. Que ótimo, havia virado um palhaço.

— Vamos, antes que ele nos jogue na lareira. — Nicole riu, afastando-se com Sandsore. Oliver revirou os olhos, mas a irritação se dissolveu com a risada de Katherine.

— Não imaginei que fosse tão irritadinho assim, Lorde Greystone. — Ela sorriu diante da expressão dele.

— Sou Henrique VIII, não sou? — Ele deu de ombros, rindo.

— Faz sentido. — Ela sorriu. Ele notou que ela parecia mais confortável em falar com ele agora que estavam cercados de gente, sem nenhum risco de escândalo. Se lembraria disso.

— Esse é seu primeiro evento de campo, estou certo? — Ela assentiu. — Espero que se divirta. Em geral é algo interessante, uma versão reduzida da sociedade. Mas a pior parte é a necessidade de esperar em uma sala para podermos jantar. Cresci nessa casa, sou herdeiro dela, mas não tenho o direito de comer a hora que quiser. — Ele balançou a cabeça, vendo-a sorrir de suas reclamações.

— A sociedade é cheia de regras estranhas. Se o senhor, que é acostumado, não gosta, imagine eu? — Ela balançou a cabeça. Parecia que ia dizer mais algo,

quando a mãe dele abriu as portas para a sala de jantar, anunciando que poderiam entrar. Ele se virou para Katherine novamente.

— Posso lhe acompanhar? — Ela assentiu, entrelaçando levemente o braço ao dele. Oliver se aproveitou da proximidade para provocá-la, nem que fosse um pouco. — Pensei que não quisesse ser vista ao meu lado.

— Contanto que não estejamos sozinhos e que não tente nada, não vejo problema em demonstrar ter amizade com um futuro Duque. — Ela sorriu, e ele ergueu uma sobrancelha.

— Está me usando pelas aparências, Lady Bolena? — Ele deu um sorrisinho de canto, gostando de chamá-la pelo apelido da noite em que se conheceram.

— Sou uma dama na sociedade, nossa função é usar belos cavalheiros pela aparência. — O sorrisinho dela revelou um senso de humor que ele não havia notado antes. Oliver se perguntou se em algum momento deixaria de se surpreender com ela, e a resposta parecia ser não.

Ele a guiou até a mesa, vendo que ela estaria sentada não muito distante dele. Durante todo o jantar ela não falou muito, fazendo Oliver suspeitar que ela se sentia mais confortável em conversas com grupos menores. Se era essa a condição, se aproximaria dela em público, fariam de trivialidades, o que fosse. Tinha a certeza de que, ao menos enquanto estivessem no campo, ela seria seu foco.

Estava tão absorto em pensamentos que não foi capaz de notar que, naquela mesa, estava longe de ser o único fascinado por ela.



Capítulo 5

Oliver estava começando a achar que poderia fazer uma lista de coisas que odiava em eventos de campo. Além da sala de espera para jantar, agora adicionaria o fato de não escapar das festividades nem em seu próprio quarto ou biblioteca. Quando estavam na cidade havia a opção de escapar dos bailes, ir apenas a um ou outro, mas ali não havia escapatória, estava sempre cercado de algum evento.

Nessa noite a mãe e as irmãs estavam organizando um sarau nos jardins, enquanto ele e os outros faziam o que homens fazem de melhor nestes eventos: manter-se fora do caminho. Estavam na biblioteca ele, os cunhados e Sandsore, conversando sobre qualquer amenidade enquanto esperavam ser “seguro” sair dali sem esbarrar em um arranjo de flores sendo carregado.

— Nunca vou entender a necessidade delas em dar tantos bailes. — Langford, marido de Corine, revirou os olhos. — Parecem mais alegres nos preparativos do que no evento de fato.

— Pelo mesmo motivo que existem temporadas: casamentos — disse Hayston, que era casado com Emilly e amigo antigo de Oliver. — Nossas esposas gostam de nos exhibir como peças de joias, mostrando o peixe que fisgaram, enquanto as solteiras vão atrás de pobres coitados como esses dois. — Ele fez um gesto indicando Oliver e Sandsore.

— De mim não. — Sandsore deu de ombros. — Basta arranjar uma fama de libertino que a maioria vai lhe tirar da lista de candidatos. E, além do mais, não vou me casar. Tenho meus irmãos para seguirem com o nome da família, eles que se preocupem com isso.

— No dia em que uma garota deixá-lo de joelhos eu vou rir até desmaiar, podem apostar. — Hampton riu, enquanto o amigo revirava os olhos.

— Eu já fico de joelhos, mas por motivos muito mais interessantes. — Sandsore deu uma risada. — E que tal lembrarem que não sou o único solteiro convicto e começarem a encher a paciência de Greystone aqui? Já conseguiram casar com as irmãs, não precisam mais agradá-lo.

— Eu não sou um convencido que acredita ser superior a todo e qualquer sentimento humano. — Oliver riu, dando de ombros. — Sou o mais puro exemplo de nobre sem graça. Eventualmente vou me casar, ter herdeiros e pronto, mas definitivamente não será agora.

— E por que não? Está esperando sua “princesa encantada”? — Hayston provocou, fazendo o amigo revirar os olhos.

— Porque seja como for, quero ser um bom marido. E, enquanto não

souber que sou capaz disso, não vou prender uma pobre moça a mim para ser traída o tempo inteiro.

— E ainda diz que não é um libertino... — Sandsore conseguia ser irritante quando queria. Oliver deu de ombros.

— Não fui eu que fiquei conhecido como “demônio de olhos azuis”.

— Mas foi você que ficou pendurado em uma janela por dormir com uma mulher casada.

— Estamos assistindo em primeira mão o sujo discutir com o mal lavado. — Hampton comentou com Hayston, rindo.

— Olha só quem fala, o Duque que se tornou meu cunhado por não se controlar e beijar minha irmã em um corredor. — Oliver alfinetou, erguendo uma sobrancelha.

— Eu nunca disse que era perfeito. — Hampton deu de ombros, rindo.

Eles ainda estavam nisso quando Melissa entrou na biblioteca, sorrindo. Nenhum deles se importou em levantar, etiqueta sendo algo que aparentemente não existe entre família e adjacentes.

— Vim avisar que seu “castigo” acabou. — Ela riu. — Terminamos de organizar o sarau, então aconselho irem se fazer apresentáveis. Principalmente vocês dois — ela se virou para Oliver e Sandsore —, que vão precisar dançar com as moças solteiras. E nada de dançar apenas com Nicole hoje, me entendeu? — Ela encarou Sandsore diretamente, que revirou os olhos e se levantou.

— Como quiser, “alteza”. — Ele balançou a cabeça e saiu andando. Oliver se levantou também e aproximou-se da irmã.

— Se dê por feliz se eu dançar com uma ou duas. — Ele balançou a cabeça e saiu também. Ela se virou para os outros, com um sorrisinho.

— Deixe-me adivinhar, estava ouvindo a conversa atrás da porta? — Hampton ergueu uma sobrancelha, dirigindo um meio sorriso para a esposa enquanto os outros dois saíam.

— Claro. — Ela riu. — Achei que seria divertido irritá-los mais um pouco. E estava pensando em fazer de Oliver nosso “projeto”. Nicole comentou por alto algo sobre ele e Lady Katherine, se pudessemos juntar os dois...

— Desde quando se tornou uma matrona casamenteira? — Ele deu uma risada, arqueando a sobrancelha.

— Apenas treinando para o futuro, querido.



Katherine estava animada, era notável. Com um vestido quase dourado e repleto de detalhes, ela e Nicole estavam esperando a hora de descerem para o jardim. A amiga estava usando um vestido azul, cor que parecia frequente no que

a cercava.

— E então, está esperando dançar com Greystone hoje? — Nicole deu um sorrisinho para a amiga.

— Eu até gostaria, mas não sei. Não posso me arriscar, lembra?

— Você exagera com isso de riscos. Veja eu, melhor amiga do maior libertino de Londres, talvez da Inglaterra toda, e nunca fui prejudicada por isso.

— Você não tem a minha mãe. — Kate riu. — E sobre Sandsore, não consigo entender vocês dois. Tem certeza de que são só amigos?

— Você não é a primeira a dizer isso. — Nicole riu. — Somos amigos. Crescemos juntos, famílias vizinhas, e como meus irmãos são bem mais novos que eu, ele acabou sendo minha companhia.

— Você tem irmãos?

— Tenho, gêmeos. Brian e Phillip, quinze anos de idade. — Ela sorriu. — São terríveis, mas creio que seriam ainda piores se crescessem sob a influência de Sandsore como eu. Mamãe corria louca comigo aprendendo piadas indecentes e xingando como um marinheiro quando me irritava. Com o tempo aprendi a esconder estes detalhes quando estivesse em casa.

— Piadas indecentes? — Kate ergueu uma sobrancelha, curiosa.

— Sim. Minhas preferidas ainda são as da avó escocesa e do anão que entrou em um bordel com um burro e uma colmeia. — Ela riu, balançando a cabeça. — E nem pense, não vou lhe contar.

— Isso é injusto, sabia?

— De qualquer forma, você não entenderia. — Ela riu. Uma criada bateu na porta, avisando que os convidados podiam se dirigir ao jardim. Elas saíram do quarto e foram caminhando pelas escadas, ainda conversando. — Voltando o assunto para você, estamos no campo, longe da sociedade em geral. Se quiser dançar com Greystone, ou com qualquer outro, você pode. Contanto que não se entregue sem pensar, tudo é possível. — Ela sorriu, enquanto saíam da casa e avistavam o jardim.

Haviam lampiões posicionados de forma a iluminar o espaço, mas sem deixar claro demais. Uma mesa com petiscos doces e salgados, e outra com bebidas. Limonada e champanhe, especificamente. O fato de ser tudo no jardim parecia tirar a formalidade e pompa de um salão de baile, uma atmosfera mais à vontade. Ela sorriu enquanto se aproximavam do centro onde ocorreriam as danças. A família da casa já estava lá, obviamente. Lady Briston, as três filhas e o filho. O Duque estava em seu quarto, não se sentia bem para participar das festividades hoje. A música mal começou e Sandsore já se aproximou de Nicole, fazendo Katherine rir enquanto os observava. Ainda achava que havia algo a mais entre os dois, mas não pressionaria Nicole.

Um cavalheiro se aproximou dela, e ela se surpreendeu por não ser Oliver, e sim alguém que ela nunca havia visto.

— Boa noite, senhorita. — Ele fez uma pequena mesura, sorrindo. — Creio que ainda não fomos apresentados. Sou Parker, Barão de Belsen.

— Lorde Parker, é um prazer conhecê-lo. — Ela sorriu educadamente, olhando para ele. Era bonito, com cabelos claros, olhos em um tom de avelã e bem mais alto que ela.

— Espero que possa me dar a honra desta dança. — Ele estendeu uma mão, que ela aceitou com um sorriso, deixando que ele a conduzisse ao centro das danças.

— Espero que não me entenda mal, mas desde que a vi no jantar de ontem eu não paro de pensar na senhorita. É a mais bela mulher que já vi. — Ele sorriu, rodopiando ela uma vez.

— Obrigada. — Ela sentiu o rosto esquentar.

— Espero que esteja gostando das festividades. É sua primeira temporada, certo?

— É sim, meu irmão e minha mãe atrasaram meu debute em alguns anos.

— A medida certa para uma entrada triunfal, eu diria. — Ele sorriu, e ela sorriu também.

— Eu não chamaria de triunfal. Não tenho nada de extraordinário, sou apenas comum. — Ela deu de ombros levemente, enquanto era rodopiada mais uma vez.

— Numa sociedade que idolatra o excepcional, uma beleza comum acaba por se destacar. — Ele sorriu. — É irmã de Stafford, certo?

— Sou sim.

— Eu soube do casamento dele com a criada. Um homem de coragem, indo contra o senso comum para se unir a mulher que quis. Admiro a coragem, mostra muito do caráter de um homem.

— O senhor se julga corajoso, Lorde Parker? — Ela deu um sorrisinho, vendo-o erguer uma sobrancelha. Havia se acostumado tanto a falar com Nicole, Sandsore e Greystone que se esqueceu que normalmente as damas da sociedade não deveriam provocar os cavalheiros.

— Tonto ser um. — Ele sorriu, observando-a. — Hoje mesmo, criei coragem para lhe chamar para dançar e não me arrependo nem um pouco.

— Bom saber. — Ela sorriu, deixando-se levar pela conversa. Seguiram da mesma forma durante toda a música, e depois enquanto tomavam limonada.

E em nenhum momento ela percebeu Greystone, com a expressão e os punhos fechados, observando-os.



Capítulo 6

Após o Sarau no jardim, eles receberam dois dias “livres”, com pequenas atividades como passeios a cavalo ou até a vila acontecendo, alguns jogos nos salões, piqueniques de chá... Katherine estava adorando.

Hoje ela, Nicole e Lady Hampton estavam caminhando pelo bosque nos arredores da casa, passeando para matar o tempo.

— Kate, eu lhe vi dançando com Lorde Belsen no sarau da outra noite... — Lady Hampton, Melissa, virou-se para ela. — Não vai nos contar sobre o que falaram?

— Não entendo o interesse de vocês na minha vida. — Kate balançou a cabeça, rindo.

— É simples, já conhecemos a vida inteira uma da outra. — Nicole riu.

— Bem, ele me elogiou muito, falando o quão bonita eu sou e elogiou também a coragem do meu irmão de seguir o coração contra as regras... coisas assim. — Ela deu de ombros.

— Está interessada nele? — Melissa sorriu, e, antes que Katherine respondesse, Nicole se virou para ela.

— Pelo amor, Mel. Você é péssima em ser discreta, sabia? — Ela balançou a cabeça. — Vamos, pergunte logo o que quer saber.

— Muito bem... — A duquesa suspirou, balançando a cabeça. — Eu estou perguntando, pois lhe vi falando com Oliver mais de uma vez e acho que seriam um bom par. Hampton diz que eu não devo me meter à casamenteira, mas o que posso dizer? Sou filha de minha mãe. — Ela deu de ombros, sorrindo.

— Oh, certo. — Katherine pensou um pouco antes de responder. — Eu gosto do seu irmão, acho-o charmoso e encantador. Mas não buscamos a mesma coisa, e não posso gastar meu tempo com alguém que não deseja o mesmo futuro que eu.

— É apenas sua primeira temporada, Kate. Não precisa de tanta pressa para se casar ou para encontrar um futuro, eu demorei quase dez anos. — Melissa sorriu, tocando o braço dela.

— Eu sei disso. Na verdade, meu medo é de me arruinar. Não gosto de ir contra minhas próprias vontades, e quando estou com seu irmão o que mais quero é estar cada vez mais perto. — Ela desviou o olhar, ouvindo a risada leve da amiga.

— Eu também me sentia assim com Hampton, na verdade ainda sinto. Se quiser minha opinião, isso é um bom sinal.

— Kate chega agora na sociedade e já encontra isso, enquanto isso eu

espero há quatro anos e nada de desejo avassalador. Isso é injusto. — Nicole bufou, fazendo as outras duas rirem.

— Isso é seu castigo por sempre saber demais. — Melissa riu, enquanto a amiga revirava os olhos.

— Continua sendo injusto. Tudo bem que eu não estou desesperada para me casar e nem penso muito nisso, mas seria pedir demais ficar loucamente atraída por alguém?

— Talvez você apenas não esteja vendo que esse alguém está bem na sua frente... — Katherine provocou, rindo.

— Ah, não, de novo não.

— O quê? — Melissa ergueu uma sobrancelha, divertindo-se.

— Ela criou toda uma teoria de que eu e Sim... Sandsore somos perfeitos um para o outro e só estamos adiando o inevitável, o que é ridículo já que somos *apenas amigos*. — Ela balançou a cabeça, cruzando os braços e encostando as costas em uma árvore.

— Amigos que se beijaram uma vez... — Melissa deu um sorrisinho, recebendo como resposta o olhar surpreso de Katherine e raivoso de Nicole. — O que, você pode contar os segredos de todos, mas ninguém pode saber dos seus?

— Não foi um beijo de verdade. — Ela revirou os olhos. — Éramos crianças, ele tinha dezessete e eu treze anos, foi o primeiro beijo de ambos. Só isso, nem conta de verdade.

— Se não foi nada, por que te incomoda tanto? — Kate ergueu uma sobrancelha, enquanto Nicole revirava os olhos de novo. Se continuasse por muito tempo acabaria cavando um buraco no próprio crânio.

— E é definitivo, eu não deveria ter feito amizade com você. — Nicole fez uma espécie de bico, ouvindo a risada das outras duas.

— Também adoro você. — Katherine riu, abraçando a amiga de lado, que continuou com os braços cruzados, mas acabou rindo também.

— Vamos, estou morrendo de fome. Se vocês conseguirem me arrumar uma torta de morango eu talvez possa perdoá-las. *Talvez*. — Ela riu, começando a andar.

— Vocês vão na frente, eu logo chego. Acho que preciso pensar um pouco sozinha. — Kate sorriu.

— Como quiser. Mas, se quando chegar não tivermos mais comida, a culpa não é minha. — Melissa riu enquanto se afastava com Nicole.

Kate balançou a cabeça, rindo. As duas eram pessoas incríveis, e ela podia ver claramente a amizade que nascia. Algo totalmente novo, já que seus únicos

amigos até hoje haviam sido apenas Daniel e nos últimos anos Marilyn.

Ela continuou andando, passeando mais um pouco pelo bosque, até que ouviu um barulho. Parecia água, ou mais especificamente algo sendo jogado na água. Ela seguiu o som, atravessando algumas árvores até ver um riacho, e alguém pescando. Não demorou mais que dois segundos para reconhecer de quem era aquela nuca: Oliver.



Pescar sempre lhe fez bem. Oliver adorava a água, os peixes. Preferia pescar no mar, onde a variedade era maior e os peixes mais rápidos, mas o lago também servia. Qualquer água servia, na verdade. Fazia isso quando precisava pensar em paz, e desde a noite do sarau ele não parava de pensar nela nos braços de Belsen.

Não sabia dar nome ao que sentiu quando a viu com ele, dançando e rindo como se fosse impossível estar mais à vontade. Se lhe perguntassem, não saberia explicar por que desejou tanto que ela agisse daquele modo com ele, que fosse tão natural. Nem agora, sozinho com seus pensamentos, podia encontrar uma razão. Se contasse para a irmã ou para um dos cunhados, eles lhe diriam que era ciúme, mas não poderia ser. Ciúme era um sentimento dos apaixonados, e ele não estava apaixonado, claro que não.

Um peixe mordeu a isca e ele o puxou, até trazê-lo quase para a superfície. Sorriu quando viu a pequena criatura emergir. Colocou-o no balde que tinha do lado de suas iscas, rindo sozinho ao se lembrar de outra vez que estava pescando neste mesmo lago, anos antes. Foi pouco antes de Emilly e Hayston anunciarem o noivado, e ele já sabia do compromisso dos dois, mas quando viu o melhor amigo e sua irmã se beijando escondidos, reagiu pelo impulso e jogou um peixe neles. Nunca entenderia o que se passou em sua mente naquele momento, mas sempre ria ao se lembrar da expressão estupefata dos dois. Ficava até surpreso que não mencionassem isso com mais frequência, mas talvez temessem que ele fosse ser rotulado como louco.

Oliver não era louco, apenas um pouco diferente. Aleatório e distraído, seriam palavras mais apropriadas. Ele tinha um modo próprio de ver o mundo, de agir, de pensar. Era como na conversa sobre casamentos do outro dia. Ele queria se casar algum dia, precisaria pelo nome da família, mas não poderia fazê-lo até ter certeza de que seria um bom marido. O valor mais forte que seguia em sua vida era de não magoar ninguém, detestava ver alguém triste, pior ainda se fosse por sua causa. Ele era estranho, como diria sua mãe. Não se parecia muito com as irmãs, ainda que fosse a cara de Emilly e Corine. Só não se parecia muito fisicamente com Melissa, mas talvez por isso ela o entendesse tão

bem e fossem tão parecidos mentalmente.

Ele puxou a vara de pesca e a deixou ao seu lado, começando a tirar as botas. O clima ainda não estava quente o bastante para nadar, mas poderia ao menos molhar os pés na água. Ele gostava tanto de água que, se tivesse escolha, moraria em alguma ilha isolada, apenas ele e os peixes... e, quem sabe, Katherine. Talvez ela agisse diferente se não houvesse sociedade próxima para julgá-los, se fosse apenas os dois. Ele gostou dessa ideia. Nunca aconteceria, mas gostou de imaginar.

Colocou os pés no riacho, sentindo a leve correnteza. Apoiou as mãos atrás do corpo, no cascalho do chão e inclinou as costas, fechando os olhos. Conseguiu desligar, ainda que apenas momentaneamente, seus pensamentos sobre Katherine, e se concentrou em coisas como o calor do sol em seu rosto, a água em seus pés que o fazia se sentir em paz e os peixes que pegou. Precisaria se lembrar de levá-los até a cozinha para serem preparados, a cozinheira sempre o agradecia quando trazia peixes frescos.

Hoje à noite não haveria nenhum evento, apenas um jantar informal e depois os convidados se reuniriam no salão de jogos e na biblioteca, quase da mesma forma que agiam quando estava somente a família em casa, porém com mais pessoas. Bem, e sem o pai. Anthony não estava melhorando muito, e depois do susto que teve pouco antes do casamento de Melissa, os médicos diziam que ele talvez não aguentasse mais muito tempo. Oliver não gostava de imaginar essa opção, não estava nem de longe pronto para perder o pai, ou pior, tornar-se um Duque. Ser Marquês já era difícil o suficiente, e ele não era bom em lidar com responsabilidades. Tinha uma tendência involuntária a cometer erros em decisões importantes.

Ele suspirou. Esse pensamento o lembrando de que já estava ali fora há muito tempo, desde que o dia amanheceu, e agora muito provavelmente já era final da tarde. Oliver tirou os pés da água, voltando a calçar as meias e as botas, mas ainda ficou sentado algum tempo antes de se levantar, os pensamentos *dela* voltando à sua mente. Imaginou o que ela estaria fazendo agora, provavelmente com Melissa e Nicole. Ele era bom observador, havia notado a amizade dela com a irmã e a prima. Talvez pudesse falar com Melissa mais tarde, sabia que ela não contaria para ninguém.

A irmã era sua amiga mais próxima desde que podia se lembrar. Quando ela nasceu, ele se sentiu conectado ao bebê. Talvez pela mãe tê-la rejeitado no começo e ele, aos quatro anos, ter ajudado o pai a cuidar dela, mas fosse o motivo qual fosse sempre foram amigos. Emily era um ano mais velha que ela e nunca se aproximou dela da mesma forma. Não deveria ter uma irmã preferida, mas tinha mesmo assim.

Balançou a cabeça, tentando voltar o foco de que deveria retornar para casa e se levantou, batendo nas calças para derrubar qualquer traço de terra, cascalho ou poeira que poderia estar nele. Estava usando apenas a camisa e o colete desabotoado por cima, não havia ninguém ali além dele, então não precisava seguir o modelo da sociedade de vestimenta. Pegou o balde de peixes com uma mão, a vara de pescar e o balde de iscas com a outra e se virou para voltar para casa.

Pensou ter visto um movimento nas árvores quando se virou, mas deu de ombros, sem se importar muito. Talvez fosse um dos cachorros que se soltou da coleira, nada demais. Sua mente costumava ser bem criativa, mas em momento algum imaginou que a estrela principal de seus pensamentos esteve ali esse tempo todo, apenas há alguns passos de distância.



Katherine correu assim que percebeu que ele estava voltando, pois não queria ser vista. E enquanto corria por entre as árvores, deixou sua mente voltar para o pequeno riacho e o homem solitário que vislumbrou tão calado e distraído, diferente do Greystone... Oliver, que havia conhecido. Nunca admitira em voz alta, nem para si mesma, mas havia uma parte dela que gostaria de voltar até lá e seguir seus impulsos, custem o que custassem. E não podia deixar essa parte vencer.



Capítulo 7

Estavam quase todos no salão de jogos essa noite, conversando amenidades e apostando coisas como alguns xelins ou fitas, nada sério demais, afinal, não estavam em um cassino. Nicole vinha ensinando Katherine alguns jogos de cartas para que não precisasse da boa vontade de ninguém para jogar, e ela havia adorado o vinte-e-um. Essa noite havia recebido um convite para jogar com Lorde Belsen, Parker.

Ela e Nicole haviam se atrasado um pouco por culpa de vestidos trocados, algo que resultou em Katherine usando azul e Nicole usando amarelo. Duas combinações raramente vistas. Elas entraram na sala de jogos, tentando não chamar muita atenção enquanto se aproximavam de Melissa, que estava entretida numa partida de xadrez com o marido. Não precisou observar muito para notar que a situação estava bem empatada, ela havia perdido uma torre e um cavalo e ele um bispo e uma torre. Resolveram não atrapalhar.

— Bom, se me dá licença, eu tenho um jogo de cartas para vencer. — Nicole fez um gesto com o queixo para a mesa onde Sandsore e outros três homens, Oliver entre eles, estavam jogando algo. Kate apenas balançou a cabeça, desejando um “boa sorte” para a amiga. Quando se virou, Lorde Parker já estava ao seu lado.

— Pensei que não apareceria. — Ele sorriu. — Creio que esteja me devendo um jogo de vinte-e-um, estou correto?

— Espero que esteja preparado para perder. — Ela deu um sorrisinho, andando até uma mesa vazia com ele, e ambos sentaram-se um de frente para o outro.

— Está confiante. Acha que joga assim tão bem? — Ele ergueu uma sobrancelha, com um sorrisinho.

— Melhor do que pode imaginar. — Ela sorriu, pegando as cartas em cima da mesa e começando a embaralhar. Sabia que ainda não jogava tão bem e que poderia perder, mas mostrar confiança era algo essencial em tudo envolvendo cartas.

Ganhou a primeira partida, perdeu a segunda e ganhou as três seguintes. Após a última vitória ela ergueu uma sobrancelha.

— Lorde Parker, está me deixando ganhar?

— Talvez. — Ele deu um sorrisinho.

— Não deixe. Quero vencer por meu próprio mérito, milorde.

— Pensei que permitir que as damas vencessem fosse questão de educação. Peço que me perdoe, Lady Katherine. — Ele fez uma mesura com a cabeça e ela

sorriu, assentindo.

— Está perdoado. Mas a partir de hoje lembre-se de que essa dama aqui prefere perder a ser favorecida injustamente. — Ela sorriu, olhando para ele, que assentiu.

— Muito bem, prepare-se para a derrota. — Ele sorriu com o canto da boca, embaralhando as cartas.



Oliver não estava prestando atenção em seu jogo, qualquer um poderia notar. De instante em instante os olhos dele se viravam para a mesa ao fundo do salão, onde Katherine e Belsen riam como duas crianças. O que ele poderia ter dito que a divertiu tanto? Por que nunca ria assim com Oliver? Ele tentou se convencer de que era porque ela estava mais ocupada sendo seduzida por ele, tentou aumentar o próprio ego. Não funcionou.

— Oliver? Sua vez — o cunhado, que estava jogando na mesma mesa que ele, o chamou.

— Que seja, eu passo. Não estou com cabeça para jogo.

— Acho que está mais interessado é em outro jogo. Outra mesa, na verdade, com uma certa dama de cabelos negros... — Nicole provocou, fazendo-o revirar os olhos.

— Sandsore, que tal controlar sua amiguinha?

— Fala como se eu algum dia tivesse tido poder sobre ela. — Sandsore riu, dando de ombros. — Mas ela está certa. Você não parou de encarar a mesa desde que os dois se sentaram, parece até obcecado.

— Estou apenas... preocupado, é isso. Apenas preocupado, não conhecemos Belsen muito bem e ele pode ser uma ameaça para a Senhorita Stafford, Lady Kate.

— Uma ameaça? E pode nos dizer como? — Sandsore ergueu uma sobrancelha.

— E se ele tentar atacá-la ou arruiná-la? Até onde sabemos pode ser um interesseiro querendo o dote dela custe o que for, já lidamos com um Marquês assim. *Lady Nicole* — ele usou um tom quase irônico no título correto de chamá-la —, você deve se lembrar de Baylard indo atrás de Melissa.

— Lembrar eu me lembro sim, mas duvido que a irmã de um visconde tenha o mesmo dote que a filha de um Duque.

— Ele apenas está com ciúme da garota, parem de provocar o pobre coitado. — Hayston riu, Oliver se virando para ele.

— E por que eu estaria com ciúme dela? Você está louco, Hayston. Estou apenas preocupado com a segurança da moça, afinal, estamos em minha casa. —

Oliver quase acreditou em si mesmo quando disse isso. Quase.

— Ah, então vamos fingir que não está de joelhos por ela? Como quiser. — Hayston ri, fazendo Olive revirar os olhos mais uma vez.

— Pois bem, digam o que quiserem, *eu* irei me certificar de que ela esteja bem. — E se levantou, ouvindo risos.

Oliver andou até a mesa em que estavam Lorde Belsen e Kate, cortando a risadinha deles.

— Boa noite. — Ele foi o mais cordial que conseguiu no momento. — Lorde Belsen, creio que sua irmã esteja lhe chamando. — Era uma mentira péssima, mas foi a primeira coisa que Oliver conseguiu pensar. Belsen pareceu desconfiado, mas se levantou.

— Bem, talvez eu deva falar com ela. — Ele se virou para Katherine, sorrindo. — Isso foi divertido, milady. Espero que nos vejamos novamente em breve.

— Igualmente. — Ela sorriu, e assim que ele saiu Oliver tomou seu lugar. Ela se virou para ele, fuzilando-o com o olhar. — O que pensa que está fazendo? Não ache por um instante que eu acreditei na sua mentirinha, a irmã dele não estava chamando.

— Você é esperta, Katherine. Gosto disso. — Ele deu um sorrisinho, pegando as cartas da mesa e começando a embaralhá-las. — Estava imaginando quando nos falaríamos novamente, e pensei por que não agora?

— O fato de que eu já estava em uma conversa não é o suficiente?

— Com Belsen? Acredite, está melhor acompanhada comigo. — Ele deu um sorrisinho, fazendo-a revirar os olhos.

— Me tornei propriedade do senhor e não estou sabendo? Tenho liberdade para falar com quem quiser, Lorde Greystone.

— Me chame de Oliver. — Ele sorriu, dando as cartas. — E sabe que é muito mais divertido conversar comigo.

— E por que acha isso? — Ela ergueu uma sobrancelha, enquanto ele deixava as cartas. Na frente dele havia um seis, somado ao sete e ao nove em sua mão, malditos vinte e dois. Na frente dela um oito.

— Porque quando estava com ele, a senhorita estava apenas rindo. Comigo a senhorita precisa pensar para responder. — Ele olhou para a carta na mesa e as cartas na mão dela. — E então?

— Às vezes pode ser divertido apenas dar risada, sem precisar me preocupar em estar à altura de certas provocações. — Ela olhou para as próprias cartas mais uma vez e as colocou sobre a mesa, sorrindo. — Fico. — Era um dezenove.

— Maldita seja. — Ele resmungou, colocando os vinte e três na mesa e

ouvindo a risada dela ao puxar as cartas. — Já teria me mandado embora se não gostasse das provocações. Sabe que no momento que me pedir eu vou, e ainda assim não pede.

— Talvez eu queira ver até onde vai. — Ela deu um sorrisinho, embaralhando por alto as cartas e as entregando. Havia um nove em frente a ela e um oito em frente a ele. Oliver deu uma risada, vendo o seis e o sete. Exatos vinte e um.

— Ficaria surpresa se eu dissesse não ter limites? — Ele deu um sorrisinho, colocando as cartas na mesa sem se importar em dizer nada. Ela bufou.

— Um a um. — Entregou as cartas para ele embaralhar. — Não ficaria nem um pouco surpresa.

— Me conhece tão bem. — Ele riu, embaralhando as cartas. — O que acha de uma aposta? Se eu vencer, a senhorita irá passar mais tempo comigo.

— E se eu vencer?

— A escolha é sua. — Ele ergueu uma sobrancelha, vendo que ela agora estava achando interessante.

— Se eu vencer... — Ela pensou por um instante, dando uma risadinha. — Vai me dizer por que realmente interrompeu meu jogo com Belsen.

— Feito. — Ele sorriu, entregando as cartas, sem perceber imediatamente o que aquilo significava. Um cinco em frente a ela, um oito em frente a ele, nove e sete na mão. — Maldito seja. — Resmungou, jogando as cartas na mesa, com a esperança de que ela tivesse menos que vinte e um.

— Sinto muito. — Ela deu um sorrisinho, colocando as cartas na mesa. Dez e quatro, dezenove pontos. — Vamos, pode ir falando. O que o fez sair de onde estava e vir até aqui impedir meu jogo com Lorde Belsen, seu verdadeiro motivo?

— Bem... eu não gostei de vê-los juntos.

— Ciúmes? — Ela provocou, com um risinho. Ele revirou os olhos.

— Apenas preocupação. — Ele entregou as cartas para ela embaralhar, dando de ombros.

— Sei. — Ela sorriu, embaralhando as cartas novamente. Ele notou como ela mordeu o lábio inferior para conter uma risadinha, mas não podia imaginar o motivo.

Oliver estava sendo, como sempre, cego ao que estava bem à sua frente.



Capítulo 8

Como tudo o que é bom precisa acabar, a noite de jogos chegou ao fim. Entre risadas e convidados se despedindo, Oliver viu uma oportunidade.

— Posso lhe acompanhar até seu quarto? Iremos apenas andar juntos, eu lhe garanto. — Ele deu um sorrisinho que mostrava pensar exatamente o contrário.

— Se me garantir que não vai tentar entrar nele...

— Com Nicole lá? Só se eu quisesse ser morto com uma fita de cabelos. — Ele riu, balançando a cabeça. — Só irei até a porta.

— Nesse caso, eu ficaria grata. Ao menos tenho certeza de que não irei me perder. — Ela sorriu, começando a caminhar ao lado dele.

— Se estiver perdida, pode sempre ir parar em meu quarto. — Ele piscou um olho, sorrindo. — Eu não me incomodaria.

— Não podemos ter uma única conversa sem que o senhor a transforme em algo impróprio? — Ela balançou a cabeça, segurando um riso.

— Não enquanto sua proximidade me causar pensamentos impróprios, enquanto sua boca for minha maior tentação. — Ele abaixou o tom de voz, por garantia. — Os pensamentos daquela varanda ainda me perseguem, Katherine, minha Ana Bolena.

— Lorde Graystone...

— Oliver.

— *Lorde Greystone*. — Ela insistiu, e ele deu outro sorrisinho. — Não pode dizer esse tipo de coisa, tem noção do que faria com minha reputação se alguém o ouvisse? Do perigo que apresenta para mim?

— Não tem ninguém aqui, Katherine.

— *Lady Katherine*.

— Somos só nós. Ninguém irá nos ver, ninguém irá nos ouvir. Precisa confiar em mim às vezes, *Alteza*. — Ele deu um sorrisinho. — E eu vejo como reage quando eu estou por perto. — Ele levou uma mão ao braço dela, que estava arrepiado.

— Você sente a mesma coisa, mas não quer admitir, talvez nem para si mesma. — Ele a observou, deslizando os dedos pelo braço dela.

— Oliver...

— Viu só? Me chamou pelo nome. — Ele deu um sorrisinho, parando de andar e virando-a para si. — Talvez tenha sido o ciúme que me fez atrapalhar seu jogo hoje, mas seja sincera, Katherine. Você não sente por ele um terço do que sente por mim, por que lutar com isso?

— Porque preciso de um futuro, Oliver. Não posso me arriscar com você se ele me oferece mais a longo termo. — Ela olhou para ele, e parecia estar usando toda a coragem que tinha. — Sim, eu lhe desejo. Mais do que deveria, eu também não paro de pensar em seus lábios e em como me senti naquela varanda, e é justamente por isso que...

Ele não aguentou mais, interrompendo-a enquanto abria a porta mais próxima aos dois e a puxava para dentro do cômodo, cobrindo os lábios dela com os seus.



Katherine foi pega de surpresa pelo beijo, mas suas mãos subiram automaticamente para os cabelos dele, os fios curtos entre seus dedos enquanto o puxava mais para perto, concluindo que se o estrago já estava feito, ao menos iria aproveitar. Poderia odiá-lo e ficar com raiva depois, mas por hora iria se deixar beijar e retribuir. Ela o desejava, não parava de pensar nele mesmo que tentasse, que mal fariam alguns minutos? Nicole estava certa quando dizia que estavam longe da sociedade e que não precisava ter tanto medo.

O cômodo para onde ele a puxou era um quarto vazio, com apenas uma mesinha no canto. Ela se afastou dele, ofegante, os olhos arregalando-se.

— Oliver, Lorde Greytone, nós...

— “Não podemos”, já sei. Mas a questão aqui não é se podemos, minha cara, é se você quer. E se quiser, não há nada no mundo que deveria ser capaz de lhe impedir. — Ele contornou o rosto dela com um dedo, puxando-a mais para perto pela cintura.

— Não posso lhe dar tudo o que deseja. — A voz dela não passou de um sussurro, os olhos se fechando ao sentir ele se aproximar.

— Não lhe peço mais do que esteja disposta a dar, minha alteza. Não quero nada que não seja meu...

E então ele a beijou novamente, e Katherine mais uma vez se esqueceu do que estava em sua mente, das regras que deveria estar seguindo. Surpreendeu-se em como era fácil se esquecer de tudo quando estava com ele, entregar-se totalmente ao que ele lhe causava, não ser mais dela mesma e sim dele. Isso a incomodaria, se não fosse a certeza de que nesse momento ele também era dela.

As mãos dele passearam pelo corpo dela por um instante, e ela apertou os braços em volta dele para se impedir de cair. Não era um toque escandaloso — ao menos não mais do que o beijo — as mãos dele em sua cintura, os dedos roçando a lateral de seus seios quando subiam. Não havia nenhum contato direto, mas só esse toque superficial a fez sentir coisas em lugares onde não imaginou ser capaz de sentir algo.

Estava tão arrebatada que se ele pedisse por mais, não seria capaz de resistir. Quando ele se afastou por um instante, para recuperar o fôlego, ela deu um pulo para trás, afastando-se o máximo que pôde no pequeno cômodo.

— Oliver... não. — Ela sussurrou, sem ar, as faces vermelhas. Ele olhou para ela por um instante, piscando os olhos numa tentativa de recobrar o foco e assentiu.

— Descobrimos seu limite, então. Como eu disse, não iremos além do que estiver disposta, minha alteza. — Ele deu um sorrisinho, e ela não deixou de reparar no “minha”.

— Este é o máximo. Não deveríamos nem ter chegado tão longe, mas não consigo pensar quando estou com você... Não posso me arriscar por alguém que não pretende me levar ao altar. — As palavras dela ficaram pairando no ar por alguns instantes, o ar se tornando mais denso. Parecia muito bem que ela o havia perdido em casamento.

— E se eu pretender?

— Isso é uma certeza, ou uma possibilidade? — Mais uma vez ele ficou em silêncio, os olhos focados nela. Por mais que o lugar estivesse escuro e só tivessem a iluminação da lua pela janela, os olhos dele nunca foram tão claros.

— Uma certeza distante, por assim dizer. Quero me casar, Katherine. Estou começando a pensar até que gostaria que fosse com você, mas não posso fazê-lo sem ter certeza de que serei um bom marido. Você mesma disse, eu sou um libertino. — Ele se aproximou, vendo que ela não recuou, tocou o rosto dela. — E se eu a trair? Se não tratá-la como merece? Não suportaria vê-la magoada por minha causa, minha alteza.

— Não percebe que já está me magoando? — A voz dela não passou de um sussurro, quase silencioso.

— E é por isso mesmo que não quero piorar isto. — Ele balançou a cabeça. — Se pudesse esperar por mim, aguardar até termos certeza...

— Não posso viver no seu tempo, Oliver. — Ela se afastou, balançando a cabeça. — Se me aparecer uma certeza, não vou poder abrir mão dela por uma possibilidade. E nós dois, o que aconteceu aqui antes... não pode se repetir. Nunca. Não posso me dar ao luxo de ser pega em flagrante e arruinada por um homem que diz não querer me magoar.

— Muito bem, se é o que quer. — Ele a olhou, e parecia estar tentando memorizar cada detalhe do rosto dela assim, com os cabelos bagunçados e o rosto corado, no breve momento em que foi dele. — Se mudar de ideia, esta aqui — ele tirou algo do bolso — é a chave do meu quarto. Se achar que podemos continuar o que começamos, ou apenas repetir o mesmo *erro*, estarei lá. — Ele entregou a chave a ela, dando um sorrisinho e a beijou de leve na testa. — Sinto

muito por não ser o que você precisa.

E com essas palavras ele se afastou, deixando o objeto metálico na mão dela.

Katherine segurou a chave em seus dedos, sem poder vê-la claramente no quartinho escuro, mas a escondeu nas dobras do vestido e foi o mais rápido que pôde para seu quarto. Nicole estava lá, deitada, com um livro em mãos.

— Kate, você precisa ver isso, essa moça do livro é louca e... o que aconteceu? — Ela mudou a expressão e o tom de voz ao olhar para a amiga.

— Oliver me beijou, ou eu o beijei. Não sei. Nos beijamos. E eu disse que queria me casar, tenho quase certeza de que possivelmente o pedi em casamento. Ele disse algo estranho sobre não querer se casar para não trair. Ele é um pouco estranho, na verdade. Mas eu gosto dele. — Ela falou em pausas, um tanto desordenada. Se sentou na própria cama, tirando a pequena chave e a segurando nas mãos.

— Certo, vamos supor que eu tenha entendido algo além de “nos beijamos” e “pedido de casamento”. O que é isso?

— A chave do quarto dele aqui em Kent. Ele disse que se eu mudar de ideia sobre o que começamos, poderia procurá-lo em seu quarto. — Ela mostrou o objeto para a amiga, que arregalou os olhos. Não era muito que surpreendia Nicole, então Katherine imaginou que aquilo fosse ainda mais sério do que parecia.

— E você vai?

— Não, é claro que não. Você não ouviu, Nicole? Ele não tem a mínima intenção de se casar comigo algum dia, inventou uma desculpa boba de não querer se casar por ter medo de trair e não querer me magoar. Quem em seu julgamento são pensa algo assim?

— Bem, Oliver é meio estranho. — Nicole deu de ombros, sem saber como ajudar. — Não há uma chance de que ele realmente pense assim?

— Não sei, eu não sei. Mas é o que eu disse para ele, não posso me prender a isso e viver esperando por ele. Se alguma oportunidade surgir antes que Oliver mude de ideia, mesmo que não seja algo tão intenso, preciso aceitar. Não posso viver pelo tempo dele.

— Bem, nisso eu concordo, não seria certo você se prender ou sofrer por causa dele. Sabe minha opinião sobre homens em geral, nenhum deles é realmente bom. Cresci ao lado de um, e sei bem do que estou falando. — Ela deu uma risadinha. — Mas pense pelo lado bom, ao menos ele não é Sandsore. Consegue imaginar se Oliver fosse como ele?

— Se fosse como ele, pelo que você diz, creio que em vez de me dar uma chave ele invadiria nosso quarto hoje e te faria sair. — Kate deu uma risadinha,

balançando a cabeça.

— Viu só? Nunca é tão ruim quanto parece. E o que acontecer daqui em diante você não estará sozinha, eu estarei ao seu lado. Melissa também, e quem sabe até Sandsore se precisar que ele bata em alguém.

As duas riram, e, naquele momento, Katherine soube de verdade que não estaria sozinha nunca mais. Isso era bom. Muito bom.



Capítulo 9

Já haviam se passado alguns dias, e Oliver não havia lhe importunado mais. Katherine tinha uma sensação constante de que todas as noites ele esperava pela chave dela na fechadura, a julgar pelo modo como a olhava de manhã na mesa do café.

Ela suspirou, ficando com raiva de si mesma por não parar de pensar nele. Estava andando sozinha pelo bosque ao redor da casa, perto e onde o viu pescando aquele dia. Imaginou que ele não estaria por ali hoje, e ficar perto da água sempre a ajudou a pensar com mais clareza.

Relembrando o comentário que havia feito para o irmão sobre o azar que tinha, não ficou surpresa ao dar de cara com Oliver no pequeno laguinho — ou seria um riacho? — pescando. Dessa vez, ele a viu.

— Ka... Lady Katherine, o que está fazendo aqui? — Ela não pôde deixar de notar que ele quase a chamou pelo nome, mas se corrigiu.

— Eu estava caminhando. — Ela deu um sorrisinho, achando melhor não comentar a parte sobre estar procurando este lugar, nunca admitiria sobre o dia em que ficou observando-o.

— Ah, entendo. Eu estava pescando, sabe. Me dou muito bem com a água, e os peixes são interessantes. — Ele sorriu, virando-se para a água. — Prefiro pescar no oceano onde são mais imprevisíveis, mas em água doce não é tão ruim. Se quiser, pode se sentar ali e observar. — Ele fez um gesto com a cabeça para uma pedra reta não muito longe.

— Não sabia que gostava tanto de pescar. — Ela se sentou, observando-o. Sem o colete e com as mangas erguidas, Oliver parecia outra pessoa.

— Eu amo. Sempre gostei da água, dos peixes... Sabia que eu devolvo a maioria para a água? Se eu vejo que vão sobreviver, deixo que voltem. Só fico com os que não têm jeito.

— Você tem pena dos peixes? — Ela ergueu uma sobrancelha, sorrindo.

— Claro. Eles também têm famílias e alguém que os ama, estão tão vivos quanto nós. Sabia que também temos tendências a morder iscas? Uma tentação, algo proibido que possamos querer, uma escolha tão arriscada que parece estupidez, são para nós o mesmo que a isca é para o peixe. Algo que mesmo nos fazendo mal, não deixamos de ir atrás. E mordemos. — Parecia que não estavam mais falando dos peixes, ao menos para ela. Katherine engoliu em seco.

— Acha que o... peixe, está errado em fazer isso? Que seria melhor evitar a tentação?

— Talvez, mas se evitasse ele não teria o que quer, e seria triste do mesmo

jeito. — Ele deu de ombros, puxando um pouco a linha.

— Mas ao menos ele estaria triste e seguro, não é melhor assim? — A sensação de que não fosse sobre os peixes e, sim, sobre os dois apenas aumentava.

— Não sei dizer. Seguro, sim, mas de que adiantaria a segurança, se viveria para sempre pensando na isca e pensando como poderia ter sido? Não consigo imaginar o peso de nunca saber como algo poderia ser. — Um peixe mordeu a linha e ele parou de falar, puxando-o. Esse não estava tão preso, então ele sorriu e o tirou do anzol. — Veja este aqui. Ele foi atrás do que queria, mordeu a isca e descobriu o que acontece e foi sortudo, pois vai poder voltar para casa. — Ele colocou o peixe de volta na água, com um sorriso um tanto bobo no rosto. — Adeus, amiguinho.

Ela sorriu, surpresa por gostar desse lado dele. Não se sentia perdidamente atraída como se sentia quando ele era atirado e a agarrava. Vendo-o ali, no que parecia seu habitat natural, ela percebeu que realmente *gostava* dele. Era mais do que só atração.

— E se ele não tivesse mordido a isca, viveria sem saber o que acontece. — Ela concluiu, seguindo a lógica dele.

— Exato, porém ele foi um dos sortudos que conseguiu escapar, a maioria fica preso. — E como que para afirmar o que ele disse, um novo peixe mordeu, mas esse ficou preso de fato no anzol. — Viu só?

O peixe estava morto.

— Então, nesse caso... — Ela olhou para ele, engolindo em seco, tentando raciocinar. — Por pior que seja a dúvida, talvez seja melhor viver se perguntando do que correr o risco. Pode-se muito bem se salvar, mas a maior chance é de ser arruinada no caminho.

— Arruinada? Peixes não se arruínam, Katherine, peixes morrem. — Ele olhou para ela, uma expressão confusa no rosto. Ela balançou a cabeça.

— O peixe, o que... você estava mesmo falando sobre peixes? — Ela não acreditou. Ela realmente não queria acreditar.

— Sobre o que mais seria? Katherine, será que você não tomou muito sol?

— Era... metáfora... Argh! — Ela se levantou, espanando a poeira da saia e bufando. — Não era sobre os peixes, seu... seu imbecil!

Ela saiu andando, pisando firme e, aparentemente, bastante zangada.



Oliver ficou parado onde estava, sem entender o que havia acontecido. Repassou a conversa em sua mente uma, duas, três vezes, até que finalmente ela fez sentido. Poderia, de fato, ser comparado ao curto e confuso relacionamento

dos dois. Começou a entender que, talvez, quando ela falou dos peixes não se arriscarem pudesse estar falando sobre si mesma. E, no caso, ele seria o anzol.

Isso poderia, de alguma forma, significar que ele a machucava? Ele não queria isso, nunca quis. Tudo o que falou e fez foi justamente na tentativa de não magoar ninguém, de não ferir ninguém. Bem, ele sempre feria o ego dos maridos das mulheres com quem dormia, mas eles mereciam, pois depois disso passavam a dar mais valor ao que tinham. Oliver gostava de acreditar que tinha um propósito bom nessa terra.

Talvez devesse falar com ela, esclarecer isso tudo. Às vezes odiava seu raciocínio fraco, a demora que tinha para entender algumas coisas quando não estavam explícitas de forma clara como o sol. A verdade é que, a menos que fossem indecentes, Oliver não era bom com insinuações. Talvez devesse tê-la avisado disso.

Suspirou, deixando as coisas de pesca de lado e levantando-se. Balançou a cabeça pra si mesmo e começou a andar pelo bosque, pensando na melhor coisa que poderia fazer agora. Não tinha muitas opções a não ser falar com ela e tentar esclarecer o mal-entendido, explicar que nunca foi bom em entender as coisas. Quando era mais novo Melissa costumava fazer piadinhas com isso. Talvez fosse melhor conversar com a irmã primeiro, ela saberia o que fazer.

Ao chegar de volta na casa, ele se direcionou para a sala onde a irmã passava a maior parte do tempo, mas não encontrou Melissa lá, apenas o marido dela. Hampton, a quem ele não se acostumava a chamar de Rannolf, estava sentado em uma poltrona, ao menos dessa vez sem um copo de scotch na mão.

— Oliver? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Precisa de algo?

— Conselhos. — Ele deu de ombros. — Estava procurando por Melissa.

— Acho que ela está com Nicole, como sempre. — Ele revirou os olhos, com um riso. — Mas quanto ao conselho, talvez eu possa ajudar. Qual o problema?

— Mulheres. — Oliver riu, sentando-se na outra poltrona. — Uma mulher, especificamente.

— Não vou perguntar quem é, para proteger a honra da dama, mas o que ela fez? Ou o que você fez?

— Ela tem medo de ser arruinada, mas me beija como se estivesse morrendo de sede e eu fosse o último copo de água na face da terra. Não quer nada comigo, mas parece não conseguir se manter longe. E ainda tem toda a história dos peixes...

— Peixes? — Hampton ergueu uma sobrancelha.

— Sim, aparentemente os peixes erámos nós, mas eu não entendi a metáfora dela... — Ele deu de ombros, olhando para o cunhado. — Acho que ela

se zangou com isso também.

— Por causa da metáfora com peixes? Oliver, você andou bebendo?

— O que? Não! Eu apenas... não sei, Melissa já deve ter te contado que eu sou um pouco lento, mentalmente falando, certo?

— Acredito que ela já tenha mencionado algo sobre isso, por quê?

— Bem, isso aparentemente está me prejudicando com a garota. Katherine, a irmã de Stafforsd. Você disse que não iria perguntar o nome, mas não tenho como explicar sem dizer quem é. — Oliver deu de ombros, baixando a cabeça. — Lembra-se do baile de máscaras, o qual eu fui como Henrique VIII e vocês acharam ridículo? Ela estava vestida e Ana Bolena. Consegue imaginar a coincidência?

— Ah, então foi com ela que vi você dançando?

— Foi. E eu estou começando a achar que foi mais destino do que coincidência, pois desde aquele dia eu não paro de pensar nela. Continuamos nos encontrando por acaso. Eu, hoje, estava pescando quando ela apareceu...

— E suponho que tenha sido aí que aconteceu a conversa sobre os peixes? — o cunhado o interrompeu.

— Exatamente. Eu estava pescando, e comentei com ela algo sobre sermos como peixes, sempre tentando morder a isca. Conversa vai, conversa vem, ela de alguma forma criou uma metáfora sobre nós, que eu não entendi. Ela se zangou, me chamou de imbecil e saiu andando. — Oliver suspirou, balançando a cabeça.

— Certo, vamos por partes. Conte-me como foi essa conversa. — Rannolf pediu, levantando-se para pegar um whisky da prateleira no canto. Ali só havia Bourbon, e ele teve que se contentar com isso, servindo um copo para cada.

Oliver narrou a conversa toda, explicando sobre os peixes e como achou que realmente estavam falando sobre peixes. Não percebeu as duas vezes em que o cunhado murmurou “estúpido” por entre os dentes. Quando ele terminou de falar, Rannolf respirou fundo duas vezes, ciente de que deveria ter paciência com Oliver. Melissa havia lhe explicado sobre a dificuldade do irmão para entender algumas coisas, mas ele não havia levado tão a sério, até agora.

— Bem, para começar — ele falou, mantendo a calma —, ela não estava errada sobre a metáfora. Na verdade, o jeito como as frases soram parecia muito que era sobre você ser uma espécie de isca para ela, algo perigoso que ela quer, mas tem medo do que acontecerá se for atrás. Por que mesmo você “não pode” se casar com ela?

— Tenho medo de não ser um bom marido, de traí-la. Não quero magoá-la, aparentemente já magoei mais que o suficiente.

— Você, meu caro Oliver, é um homem nobre. — Rannolf preferia chamá-lo de estúpido, porém não ajudaria em nada dizer isso. — Mas quem sabe

precise rever isto. A garota não está errada em dizer que não vai lhe esperar, Melissa provavelmente me mataria se eu tivesse pedido a ela que esperasse. — Ele riu, dando de ombros e tomando um gole do Bourbon. — Conhecer sua irmã foi a melhor coisa que me aconteceu. Talvez Katherine seja assim para você.

— Acha mesmo que é possível?

— Acho. Eu morria de medo de me apaixonar e me envolver, e veja como estou agora. — Ele riu. — Melissa me ama e é a coisa mais extraordinária da minha vida, e começamos como vocês dois. Coincidências, encontros por acaso que pareciam predestinados. Se for pedir minha opinião, acho que era pra ser. — Rannolf parecia até outro homem falando assim, mas Melissa o havia mudado. A cada dia sentia mais algo que não conhecia, algo novo por ela.

— Creio que eu deva falar com Katherine, então. Dizer que talvez possamos tentar, ver se eu sou capaz de ser o que ela precisa. — Oliver se levantou, criando uma animação que não esperava.

— Boa ideia, mas eu aconselharia esperar alguns dias para isso, deixar que ela se acalme. Conversar com uma mulher irritada nunca é boa ideia, acredite em mim. — Ele deu uma risada, e Oliver concordou.

— Verdade, obrigado por lembrar, Rannolf. Você é um bom amigo, fico feliz que tenha se casado com minha irmã. — Ele sorriu.

— Tudo que é bom em mim veio com ela. — Ele deu de ombros, sorrindo.

Oliver balançou a cabeça e saiu andando, seguindo devagar pelos corredores, pensando em como falaria com ela. Estava passando pela porta do quarto do pai, entreaberta, quando parou, sem acreditar no que ouviu.

— Eu sei, querida, sempre soube. Melissa não é minha filha, e Oliver talvez não seja também. Sabe que nunca me incomodei com isso.



Capítulo 10

Momentos antes.

Clarissa sabia que o marido não passaria dessa semana, talvez nem dessa noite. E, antes que ele se fosse, ela precisava confessar algo, que ele talvez até já soubesse, mas ela precisava dizer mesmo assim. Respirou fundo, entrando devagar no quarto onde o marido estava deitado, mais fraco do que quando chegaram. Desde o ataque do coração que teve no mês anterior ele não havia melhorado muito. A ida para o campo foi a última esperança de que ele se recuperasse, mas não havia funcionado.

— Anthony, querido? — Ela entrou devagar no quarto, as mãos suando com o nervosismo. — Preciso falar com você.

— Não temos mais filhas para casar, Clar. O que pode ser tão sério para falar assim? — Ele deu uma risada com dificuldade, sentando-se na cama. Ela não riu. — O que aconteceu?

— É algo realmente sério. — Ela engoliu em seco, sentando-se na beirada da cama. — Eu sei que você me amou durante todo esse tempo, mas nos próximos minutos eu vou precisar que me ame mais do que nunca, para que seja capaz de me perdoar.

— Clar, está me assustando. O que você fez?

— Quando nos casamos, você lembra que eu tinha um amor antes, certo? O filho do cocheiro, Sebastian. E você sabe que não foi meu primeiro...

— Sei disso, e nunca me importei. Não precisava ser o primeiro, apenas o último. — Ele mesmo fraco deu de ombros, já sabendo aonde ela chegaria com aquilo.

— Bem, a última vez que estive com ele foi pouco antes de nos casarmos. — Ela fez mais uma pausa, segurando a mão dele e criando coragem. — Lembra-se que logo após Emilly nascer nós tivemos uma briga, e eu fui embora para visitar minha mãe por alguns dias? Eu me encontrei com ele na vila, ele se tornou dono de um estábulo. Nós passamos a noite juntos, e nove meses depois nasceu uma menininha de olhos verdes como os dele...

— Eu sei, querida, sempre soube. Melissa não é minha filha, e Oliver talvez não seja também. Sabe que nunca me incomodei com isso. — Ele deu um sorriso calmo, apertando a mão dela. — Podem até ter o sangue dele, mas quem os criou fui eu. Quem estava com você no parto, quem comprou brinquedos e pagou pela educação deles, fui eu. Quem levou Melissa até o altar fui eu. Quanto a Oliver, nunca saberemos se ele é meu ou não, mas o sangue dele não importa. Eles são *meus filhos* e pronto.

Clarissa sorriu, e não precisou de mais palavras, o marido sabia que estava grata pelo que ele disse, sabia que o amava mais que tudo. Seus encontros com Sebastian foram erros que ela não deveria ter cometido, mas amava tanto os filhos. Sempre foi diferente com Melissa, mais dura, mas ela era uma imagem tão semelhante ao pai biológico que ficava difícil não sê-lo. Os mesmos olhos, a mesma teimosia, a mesma forma de não desistir sem lutar.

Oliver, não. Ele, por mais que possuísse os olhos azuis demais, sempre teve algumas características de Anthony. Talvez fosse mesmo dele, talvez o Duque tivesse um herdeiro de verdade. Ou talvez não, mas, se não importava para ele, não importaria mais para ela, e ninguém saberia.

Ao menos foi o que pensou, antes que Oliver abrisse a porta do quarto, os olhos arregalados.

— Você traiu meu pai mais de uma vez?! — A voz dele não tinha um tom cruel, Oliver nunca soube ser cruel. Era, na verdade, um tom de surpresa.

— Oliver?! Você estava ouvindo? — Clarissa ficou mais branca que leite, os olhos saltando das órbitas.

— Não foi de propósito, eu estava passando... — Ele se virou para Anthony, os olhos tristes. — Eu não sou seu filho? Não sou realmente seu herdeiro?

— Claro que é. Não ouviu quando eu falei? Você é meu filho, tendo ou não meu sangue. E Melissa também. — Anthony estendeu uma mão para o filho, com um sorriso gentil no rosto. — Vocês dois, por coincidência ou não, sempre foram os mais especiais. Melissa com a teimosia e a forma de lutar pelo que quer, e você com sua visão diferente do mundo. Eu não deveria ter filhos favoritos, mas... — Ele sorriu, apertando a mão de Oliver.

— Mas tem, os dois bastardos. — Ele se virou para a mãe, os olhos cheios de mágoa. — Eu sempre tive um medo de trair dentro de mim, muito provavelmente perdi a garota que seria perfeita para mim por isso. E agora eu entendo o porquê. Eu tenho sangue de traidor em mim. — Ele balançou a cabeça, soltando a mão do pai. — Não tenho raiva de você, mãe. Imagino que tenha tido seus motivos, mas eu... não queria ser um bastardo. Não queria ser tão diferente das garotas, tão lento para as coisas, tão confuso. Não queria ser eu.

— Oliver, filho... — Ela tentou argumentar, mas não conseguiu. Não havia nada que pudesse dizer, realmente.

— Melissa deveria saber. Eu não vou contar, não é um segredo meu, mas deveriam dizer a ela. Podem não ter certeza sobre mim, mas se têm sobre ela... deveriam contar. — Ele andou até a porta, parando antes de sair. — Tenham uma boa noite. — E saiu do cômodo, a mente ainda mais embaralhada que o normal.



Oliver nunca havia se sentido tão confuso. Era fato que normalmente ficava confuso com facilidade, mas não nesse nível, não sem saber ao menos quem é, mas agora tudo havia sido posto em dúvida. E se ele realmente fosse filho do outro homem? E se ele não tivesse realmente o direito ao título que, ao que tudo indicava, assumiria em breve?

Enquanto caminhava pela casa, só lhe vinha um nome à mente. Katherine. Queria falar com ela, parecia ser a única que entenderia. Ele já havia ouvido falar sobre os escândalos do pai dela, que ela era quase uma bastarda, e muitos diziam que quando a mãe dela engravidou o falecido visconde ainda era casado com a primeira esposa. Se tudo isso fosse verdade, ela seria como ele. Mas o problema não era esse, o problema era se ele seria igual a mãe.

O medo que ele sempre teve de não ser um bom marido, de trair a esposa, finalmente começava a fazer sentido. Ele poderia muito bem ter nascido de uma traição como a irmã de fato nasceu. A mãe havia traído seu pai mais de uma vez, havia ido contra os votos que jurou perante Deus e os homens. E Oliver não quebrava promessas, nunca. Toda a confiança que havia adquirido na conversa com o cunhado desapareceu neste instante, e ele voltou a se questionar sobre tudo.

E se algum dia esbarrasse em uma jovem bonita e traísse Kate? O pai parecia não se incomodar com a traição, mas ela com certeza se incomodaria. O próprio Oliver se odiaria se a magoasse. Sentiu-se um pouco tolo, repetindo essas palavras em sua mente pelo que parecia a milésima vez, começando a se cansar consigo mesmo. Talvez fosse louco, como um garoto em Eton disse quando era mais novo e ele não conseguia prestar atenção nas aulas e se distraía com a própria mente. Desde aquele dia Oliver passou a guardar seus pensamentos confusos, e cada vez mais achava que estava certo.

Nunca se achou apto para ser um Duque, essa era a verdade. E agora que não tinha certeza nem se tinha sangue de Duque, seu medo apenas aumentou. Ele não era bom em dar ordens, em impor limites. Não sabia ser duro com as pessoas, não sabia ser cruel, por mais que quase todos na sociedade fossem. Qualquer um que o conhecesse via imediatamente que ele era uma boa pessoa; muitos até se aproveitavam disso. Que tipo de Duque era tão bonzinho? Se um criado roubasse dele para alimentar a família, em vez de puni-lo Oliver lhe daria comida. Se via um mendigo na rua, dava-lhe duas ou três libras sem o mínimo remorso. Ele era o que a maioria da sociedade chamaria de estúpido, burro... imbecil, como ela havia dito.

Ele suspirou, parou de andar e bateu a testa na parede, fechando os olhos.

Precisava pensar, mas sua cabeça doía sempre que tentava forçar demais a mente. Precisava tomar uma atitude, mas não havia nada realmente que pudesse fazer. Precisava ser como todos os outros, mas não podia mudar quem era. Tantas coisas que precisava, e a que gritava mais alto em sua mente era ela.

Por um momento ele manteve os olhos fechados e conseguiu focar sua mente na memória que tinha dela. Kate como Ana Bolena naquela festa, encaixando-se perfeitamente na fantasia dele; ela na noite de jogos e a forma como o beijou tão apaixonada; o rosto dela tão corado que era visível até mesmo na fraca luz do luar; os olhos num azul mais profundo que os dele brilhando como a noite. A imagem de Kate o acalmou; recordara forma como ela dizia seu nome o fez pensar com mais clareza; a lembrança de como discutiam o fez sorrir.

Foi nesse momento que Oliver fez uma promessa para si mesmo: aprenderia a lidar com a própria mente, e, quando estivesse pronto, iria atrás dela. Seria tudo o que ela merecia e ainda mais, afinal, se a mera lembrança dela já causava esse efeito nele, mal podia imaginar como seria uma vida ao seu lado. Ele sorriu, sozinho, abrindo os olhos e voltando a andar até seu quarto, certo de que as mudanças ainda demorariam algum tempo para acontecer e que poderia se preparar.

Nem em sonho lhe passou pela mente que, enquanto ele começava a pôr a própria vida nos trilhos, a do pai estaria acabando em alguns dias e a de Katherine seria desviada para longe dele.



Capítulo 11

Poucos dias depois.

A morte do Duque abateu os ânimos dos convidados que estavam no campo, que também foram os únicos a prestar suas homenagens. O funeral havia sido comovente, com toda a família reunida e o pastor dizendo coisas bonitas sobre o Duque. Sim, havia sido um lindo funeral, mas Oliver mal foi capaz de registrar tudo. No dia seguinte a descoberta sobre sua descendência, o pai piorou drasticamente e faleceu naquela madrugada. Oliver se sentiu entorpecido durante todo o processo do velório, e agora que havia acabado ele não sabia o que fazer.

Algumas pessoas já o estavam chamando de Briston, o título do pai. Mas ele não se sentia um briston, não se sentia como um duque. Sentia-se como o mesmo Oliver de sempre, ainda mais confuso e ferido do que o normal. Sentia-se assustado por ser órfão, e então ficou com raiva ao se lembrar de que talvez Anthony não fosse mesmo seu pai, e que talvez ele nem tivesse o direito de ser chamado de Briston. Ele não era um Duque, era apenas ele.

Depois que todos entraram para comer algo na recepção após o funeral, Oliver escapou da vista dos outros e foi direto para seu lugar seguro, o pequeno riacho que corria pelo bosque da propriedade. Sentia-se mais seguro lá que em qualquer outro lugar da casa neste momento, sozinho com sua água e seus peixes. E, é claro, a garrafa de Brandy que trouxe escondido.

Deixou a mente se distrair, pensando no que faria com a vida agora que tinha ainda mais responsabilidades, como teria tempo para besteiras como pescar, e como arcaria com o peso de um Ducado. Era fácil ser um marquês honorário, um título de cortesia que tinha apenas por ser *filho* de um duque. Não tinha obrigações, responsabilidades, propriedades para tomar conta. Era apenas ele. Ainda estava pensando nisso quando ouviu passos na grama atrás de si, mas não se virou até ouvir a voz.

— Pensei que fosse gostar de companhia. — Ela se aproximou, sentando-se devagar ao lado dele. — Não o vi na recepção.

— Não aguentava mais as pessoas me chamando de Briston. — Ele deu de ombros, sem olhar para ela.

— Sinto muito, pelo seu pai. Imagino o quanto esteja triste.

— Aí é que está... ele muito provavelmente não era meu pai. — Ele ergueu os olhos, virando-se para ela. — Eu sou um bastardo, Katherine.



Ela piscou os olhos algumas vezes, processando o que ele havia dito. Um

bastardo. Tão parecidos... Ela também era de certa forma.

— Oliver...

— Um bastardo, Kate. Consegue acreditar nisso? — Ele balançou a cabeça. — Minha mãe teve um amante pouco antes de se casar com meu pai, e então alguns anos depois novamente. Melissa é, de fato, uma bastarda, mas eles não tinham certeza sobre mim. Nunca vamos saber. — Os olhos dele pareciam queimar quando ele continuou a falar: — Sou filho de uma traidora. O filho problemático e mentalmente lento de uma traidora, o que sinceramente explica muitas coisas. E pensar que já dormi com mulheres casadas... — Ele balançou a cabeça, um traço de fúria surgindo em seus olhos.

— Eu também sou, filha de um traidor. Meu pai traiu a esposa doente com minha mãe, e só não sou bastarda de fato, pois Lady Louise morreu a tempo de ele se casar com minha mãe. Ela nunca me escondeu a verdade, então eu sempre soube de onde vim, e para onde não quero ir. Jurei que não seria como nenhum dos dois, nunca trairia ninguém e definitivamente não me arruinaria como ela, pois desde pequena ela me faz prometer isso. — Kate deu de ombros, uma expressão triste no rosto. — Não podemos escolher de onde viemos, mas podemos escolher quem queremos ser.

— É bonito você pensar desse jeito. — Ele sorriu de leve, baixando a cabeça. — Seu irmão nunca se importou? Por você ser filha de outra mãe, quero dizer.

— Não, ele sempre gostou de mamãe. Ela e Lady Louise viraram boas amigas, para contrariedade do falecido visconde. Arthur Linton, um péssimo filho da mãe que não merecia as duas mulheres que teve. — O rancor era evidente na voz dela. Katherine e Daniel sempre odiaram o pai, odiaram o que ele havia feito com suas mães. Não era atoa que Daniel, apenas alguns anos mais velho, foi uma figura paterna mais presente que o falecido Lorde Stafford. E ela era feliz com isso.

— Ah, entendo. Meu pai, pelo que eu pude entender, sempre soube das traições da minha mãe, mesmo sem que ela tivesse lhe dito. Peguei-a no flagra antes de ontem, contando a verdade para ele sobre o antigo amante. Depois eles me explicaram direito e contaram para Melissa, o nome dele era Sebastian. Filho do cocheiro da casa dos meus avós, ele e minha mãe cresceram juntos “como irmãos”, até o momento em que começaram a se ver como algo mais.

— E então?

— E então ela ficou noiva de um jovem Duque, e precisou se esquecer do amante da juventude, mas não antes de uma “despedida” às vésperas do casamento, quando posso ter sido ou não concebido. — Ele balançou a cabeça, tomando um gole da garrafa que tinha nas mãos. — Alguns anos depois, Emilly

era um bebê, ela e meu pai tiveram uma discussão feia, e ela foi embora para “passar um tempo com a mãe”. Logo depois, Melissa nasceu com os olhos verdes do maldito. Tanto ela quanto eu temos olhos diferentes, você deve ter notado. — Katherine assentiu. — É nossa marca.

— Como... Como ela reagiu, quando contaram?

— Ela ficou com raiva, e com razão. Nossa mãe sempre a tratou diferente por causa disso, e agora tudo fez sentido, e acho que a mágoa dela não vai passar tão cedo. Anthony ter morrido logo depois só piorou as coisas. — Ele tomou mais um longo gole e ofereceu a garrafa para ela. Ela negou.

— Você não deveria beber tanto hoje, não é um bom dia.

— É aí que você se engana, minha cara. Se existe um dia para beber, esse dia é hoje. A cada momento me surgem mais e mais problemas, mais confusões e mais situações com as quais preciso lidar. Minha mente nunca trabalhou rápido, nunca fui bom com números e com certeza não sou bom com decisões, e agora... caiu tudo nas minhas mãos. — Ele ergueu os olhos para ela, a expressão queimando mais uma vez. — Sempre imaginei que quando a hora chegasse eu fosse ter uma esposa ao meu lado, ajudando-me a tomar conta de tudo. Alguém... alguém que entendesse minhas limitações.

— Limitações? — Ela ergueu uma sobrancelha, curiosa. Oliver tomou outro gole.

— Eu sou burro, Katherine. Você viu aquele dia com os peixes. — Ele deu uma risada amargurada, olhando para a água. — Eu sou burro demais para ser Duque. Eu não etendo as coisas no momento certo, eu vejo tudo de forma diferente... sempre fui assim. E ao mesmo tempo em que queria ter uma duquesa para me ajudar, agora sei de fato que nunca irei me casar. Não vou nunca trair ninguém como minha mãe traiu, e se Anthony for mesmo meu pai, nunca vou ser traído como ele foi. Estarei poupando a mim e a alguma pobre coitada o sofrimento. — Ele tomou mais um longo gole, engasgando-se no final e tossindo um pouco.

Katherine tentou não se magoar com as palavras dele, afinal ele estava bêbado e havia acabado de perder o pai, mas ainda assim ela sentiu uma pontada no peito.

— Nunca? — não pôde deixar de perguntar.

— Nunca. E não faça essa cara, eu sei o que está pensando, mas acredite em mim, estará melhor com outro. Temos uma chama, é verdade, mas fogo se apaga, e você merece alguém eu possa lhe dar estabilidade, alguém que possa garantir que irá ser só seu, sem medo de cometer erros. Alguém inteligente em tudo, não apenas em alguns aspectos. — Ele suspirou, tomando mais um gole. A garrafa estava pela metade, e ele agora estava bebendo mais rápido que antes. —

Aquele lorde sem graça, Belsen. Ele seria melhor para você, duvido que ele tenha tantos problemas.

— E se... e se eu quiser problemas? — Ela sabia que era tolice tentar argumentar com alguém bêbado, ainda mais alguém como ele e suas limitações de raciocínio, que ela estava começando a entender.

— Você não quer. Acredite em mim, você não quer. Eu não sirvo para você, Katherine, nem para ninguém. Sou Henrique VIII, lembra? Seis esposas, das quais a única que não foi arruinada foi a que ficou viúva. E você, você é Ana Bolena... alguém que eu poderia amar demais, e então tudo iria pelos ares. — Ele deu mais uma risada amarga, tomando mais um longo gole. Ela poderia apostar, pela expressão dele, que sua vista estava ficando embaçada. — Ele era um traidor também, Henrique. Tudo faz sentido.

— Oliver, você está bêbado, não está pensando direito. Talvez devesse voltar para casa, descansar um pouco. — Ela tentou segurar o braço dele, levá-lo consigo, mas ele não deixou, puxando o braço de volta.

— Eu estou bem. Deixe-me em paz, sim? — Ele ergueu os olhos, cruéis pela primeira vez em seus trinta anos de vida. — E pare de vir atrás de mim como um cachorrinho perdido, eu não sirvo para você e nem você para mim. Já passou da hora de pararmos com joguinhos e reconhecermos que o que quase tivemos foi só aquilo. E isso não é o conhaque falando, sou eu. Sou um libertino, lembra? Então vá e se afaste de mim, como já deveria ter feito.

Ela engoliu em seco, se afastando dele como se as palavras fossem ferros quentes em sua garganta. Os olhos se encheram de lágrimas e ela correu, saindo daquele bosque e jurando nunca mais voltar. Graças a deus amanhã estariam de volta a Londres, e ele estaria longe dela. Em definitivo.



Enquanto ela corria, Oliver sentiu as lágrimas caindo de seus olhos. Mesmo com todo o conhaque ainda se sentiu um lixo, o pior tipo de ser humano, mas era melhor assim. Ela parecia não existir, e ele não podia deixar que ela se prendesse mais ainda. Se magoá-la agora era a única forma de protegê-la de algum sofrimento maior no futuro, era isso que ele faria.

E então, virando a garrafa novamente e engolindo o líquido quase até o fim, Oliver Klaus Bourne, Duque de Briston, abaixou a cabeça e chorou.



Capítulo 12

De volta a Londres, Katherine não quis mais nem ouvir o nome de Oliver. Estava chateada demais com o que ele havia dito, mesmo que estivesse bêbado, nunca o havia visto ser cruel antes, de acordo com Nicole aquela provavelmente foi a primeira vez. Que honra.

Ela estava em casa agora, na biblioteca com a mãe, fingindo ler um livro. Estava de tarde, mas ela não quis ir passear no Hyde Park com as amigas, não hoje. Encontrava-se ainda olhando para a página do livro, sem fazer ideia do que estava escrito, quando o mordomo bateu levemente na porta.

— Uma visita para lady Katherine, um Lorde Parker Belsen. — Ele estava segurando um cartão, e a mãe dela se levantou e estava lá antes que ela pudesse raciocinar.

— Um cavalheiro, para Katherine? — Ela pegou o cartão, analisando. Virou-se para a filha. — Minha filha, quem é ele?

— Lorde Belsen é um barão, mamãe, estava na casa de campo. Nós dançamos juntos nos pequenos bailes e saraus — ela explicou da forma mais mecânica que pôde. O que Belsen estaria fazendo ali?

— Não ficaram sozinhos em nenhum momento, certo?

— Sim mamãe, sempre estávamos cercados pelos convidados. Ele é um perfeito cavalheiro. — “Diferente do homem que eu realmente gostaria que estivesse em nossa porta”, ela completou mentalmente. Ainda carregava a chave de Oliver no bolso do vestido, ou dentro de seu decote, ou até em suas meias. Não saía sem ela, era sua forma de se sentir perto dele, mesmo que ele não quisesse isso.

— Perfeito! Talbot, diga a ele que entre e nos encontre na sala de estar. — Após dizer isso, a Viscondessa viúva praticamente arrastou a filha até a sala, dando batidinhas em seu vestido e passando a mão em seus cabelos. — Ah, se eu soubesse que receberia a visita de um cavalheiro eu teria feito com que se arrumasse melhor.

— Mãe, é apenas Belsen, não é nenhum rei.

— “Apenas” nada, é um pretendente, e não podemos tratar nenhum pretendente com descaso. — Ela mal acabou de falar e, para a sorte de Katherine, ele entrou na sala e a filha não precisou responder nada. Ele sorriu, aproximando-se.

— Lady Katherine, bela como sempre. — Ele segurou a mão dela com cuidado por sobre a luva, beijando seu dorso. Virou-se para a mãe dela. — Ah, não me disse que tinha uma irmã. Estou encantado. — Ele deu um sorrisinho, e

Kate soube que havia ganhado o coração da mãe com aquela gracinha.

— Fico lisonjeada, lorde Belsen, mas sou a mãe dela. — A mulher sorriu. Nelly realmente parecia nova, em seus quarenta anos, bela como sempre foi. — Vou permitir que conversem, estarei ali no canto com meu livro, se precisarem de algo. — Ela deu um sorrisinho que parecia transmitir a palavra “casamento” enquanto se dirigia até a poltrona perto da janela.

Katherine e Parker se sentaram em sofás de frente um para o outro, e ele sorriu para ela.

— Espero não ter incomodado com esta visita, mas não parei de pensar na senhorita desde que nos vimos pela última vez, antes do enterro do falecido Duque de Briston. — Ouvir o título que agora era de Oliver a magoou um pouco, mas ela não deixou transparecer.

— Eu não sabia que tinha lhe causado um impacto tão grande, milorde. — Ela sorriu. — Mas me diga, o que faz quando não está no campo? — Ela era, sem dúvida alguma, péssima em puxar assunto com alguém que não conhecia. Bem, não era com Oliver, mas realmente precisava parar de pensar nele.

— Normalmente eu cuido das finanças, ando a cavalo no Hyde Park, ou jogo cartas no Coração Selvagem. Inclusive creio que a senhorita ainda me deva uma última partida de vinte-e-um. — Ele deu um sorrisinho de canto, fazendo-a sorrir em resposta.

— Se o senhor prometer que não irá me deixar vencer mais uma vez e sim jogar de verdade, eu adoraria. — Ela sorriu, piscando um olho. Sabia que a mãe estava ouvindo cada palavra dita, e a julgar pelo sorriso que a viu dar com o canto dos olhos, soube que estava se saindo bem. Nesse momento a criada chegou com uma bandeja de chá e biscoitos, e Kate sorriu, servindo a si mesma e a ele. Belsen deu um gole no chá, sorrindo em seguida.

— Um gosto interessante, não me lembro de já ter provado este chá. Sabe me dizer de que é? — Ele também não era bom em começar assuntos, mas só de estar tentando já a fazia se sentir bem... Na medida do possível.

— É chá verde normal, mas com um toque de menta. A receita é de minha mãe, ela ensinou a governanta assim que se mudou para cá. Basta adicionar algumas folhas de menta ou hortelã quando fizer o chá, e pronto.

— Irei me lembrar disso. Ou, quem sabe, eu a tenha por perto para me lembrar. — Ele deu um sorrisinho sugestivo e ela sentiu as bochechas corarem.

— Quem sabe. — Ela sorriu.

E a julgar pelo sorrisinho da mãe, se Nelly Barnes pudesse, ela estaria pulando de alegria pela sala.

Passaram algumas boas horas jogando conversa fora, falando sobre amenidades como o clima ou debatendo seus jogos de vinte-e-um na residência

dos Briston. Ela notou que em momento algum ele mencionou o novo Duque, e ficou grata por isso. Já passava das cinco horas quando ele foi embora, e não demorou mais que alguns instantes para que a mãe avançasse sobre ela com perguntas.

— Jogos de vinte-e-um? Danças? Apostas? O quanto você não me contou, Katherine Linton? — Se ela usou o nome completo então era um péssimo sinal. Kate deu de ombros, com um sorrisinho.

— Não foi nada de mais, mãe. Ou ao menos eu pensei que não fosse, mas pelo visto ele gostou de mim. — Ela deu de ombros levemente, sem querer criar expectativas demais na mãe.

— Gostou? Katherine, ele deixou claro que tem intenções sérias, “quem sabe eu a tenha por perto para me lembrar”? Isso foi quase um pedido de casamento, minha filha!

— A senhora decorou a conversa toda? — Katherine quase não acreditou, mas quando lembrou a mãe que tinha, percebeu que fazia sentido, sim.

— Apenas prestei atenção no que era necessário. — Ela sorriu, dando de ombros. — Mas ele realmente pareceu interessado em você, minha filha. Podemos estar encarando um casamento em sua primeira temporada, se tudo der certo!

— Se tudo der certo... — Kate ecoou as palavras da mãe, sem dizer que na verdade o homem com quem gostaria de se casar aparentemente não a queria, ou não queria magoá-la e acabou magoando-a por isso. Nem ela sabia.



Oliver estava começando a temer se viciar no álcool, como tantos outros. Estava bebendo mais uma garrafa de Brandy, dessa vez mais devagar do que naquele dia do lago. Sozinho na enorme residência ducal, já que a mãe havia escolhido passar seu período de luto no campo. A casa parecia pior que uma casa assombrada, pois não se ouvia um barulho que fosse. Havia fantasmas, sim, mas na mente dele. A voz do pai dizendo que Melissa e ele não eram seus filhos, o olhar de Katherine na última vez em que a viu. Ele mal podia suportar essas duas lembranças.

Estava prestes a virar mais uma dose quando Sandsore e Hayston invadiram sua porta. Ele franziu o cenho, suspirando.

— Sumam daqui, e digam ao mordomo que ele está demitido — ele resmungou, vendo os dois se entreolharem enquanto se aproximavam e tiravam o Brandy da mão dele.

— Albert não será demitido, e você não irá mais beber. — Hayston colocou a garrafa longe, enquanto ele e Sandsore se sentavam de frente para o

amigo. Ao menos hoje ele não estava bêbado.

— Você sabe que eventualmente precisará falar, certo? — Sandsore ergueu uma sobrancelha. — Parte disso é por causa da morte de seu pai, mas a outra parte... Nicky me comentou algo sobre você e Katherine terem brigado. — É claro que ele saberia, a maldita loirinha sempre contava tudo para ele. E apenas quando estavam só entre amigos ele a chamava pelo apelido de infância.

— Oliver, você não precisa esconder, ao menos não de nós, que realmente gosta da garota. Nós entendemos. — Hayston olhou para Sandsore e deu de ombros. — Ao menos eu entendo.

— De que importa se eu gosto dela? Se eu, que Deus me ajude, amá-la? E antes que faça sua piadinha, Simon, eu sei que só a conheço há algumas semanas, menos de um mês, mas o poder que essa mulher criou sobre mim... talvez eu a ame, e é justamente por isso que eu preciso me manter distante dela.

— E poderia nos explicar o motivo?

— Não é óbvio? Ela merece algo muito melhor do que eu. Ela merece alguém que a entenda de primeira quando ela falar alguma coisa inteligente, alguém que não corra o risco de traí-la com qualquer uma que aparecer. — Ele estava começando a se achar mais ridículo a cada vez que repetia aquela mesma frase, e percebeu que nos últimos tempos foram muitas vezes. — Eu não sei se sou bom para ela, se consigo ser suficiente. Não quero que ela um dia acorde, daqui a anos, e se arrependa de tudo o que fez com a própria vida.

— Já parou para pensar que talvez, apenas talvez — Sandsore falou, com a mesma paciência que se fala com uma criança, algo raro nele — seja mais fácil se tornar o que ela precisa do que empurrá-la para os braços de outro? Parar de beber e colocar sua vida nos eixos, acostumar-se como o título de Duque, aprender a ser homem, tomar vergonha na cara, desculpar-se e pedi-la em casamento? — Os outros dois encararam ele e Simon deu de ombros. — O que foi? Eu não quero me casar, mas respeito o ato, não sou nenhum lunático que odeia altares.

— Você, meu caro Simon, é muito estranho. — Hayston riu, balançando a cabeça e se virando para Oliver novamente. — Mas ele está certo, seria mais fácil fazer isso do que ficar se lamentando a vida inteira com essa teimosia de “Eu não quero trair, então não vou casar”. Você não vai saber se não tentar, Oliver.

— Talvez vocês estejam certos...

— Talvez? — Sandsore revirou os olhos. — Estamos totalmente certos, e você verá. Mas, por enquanto, vamos nos concentrar em ficar sóbrios. Semana que vem tem um baile na casa de Lady Valbury, se quiser posso até pedir para Nicole encontrar um jeito de deixá-los sozinhos.

— Não precisa, Simon. Se eu for fazer algo, farei sozinho. — E, naquele momento, ele decidiu realmente que faria, precisava pensar apenas em como. Já estava mais do que na hora de parar de ter medo.



Três dias depois.

Parker estava nervoso, enquanto se sentava diante do Visconde de Stafford em seu escritório. Estava tomando a maior atitude de sua vida.

— E então, lorde Belsen? O que deseja?

— Bem, eu... — Ele respirou fundo, as mãos suando com o nervosismo. — Eu gostaria de pedir a mão de sua irmã em casamento. Lady Katherine é fascinante de mais maneiras do que posso contar, é inteligente e extremamente bela, e creio que seria uma ótima esposa. Uma ótima baronesa.

— Eu conheço minha irmã, Lorde Belsen, sei que ela seria tudo isso e mais. Seria uma boa rainha se tivesse a chance. Mas, diga-se, o que o faz pensar que é digno de se casar com ela?

— Eu serei um bom marido, fui educado para isso. Tenho três irmãs, então sei como tratar uma mulher corretamente. Ela seria tratada, de fato, como uma rainha. Posso não ser um Marquês ou um Duque rico, mas compensarei a falta de libras com todo o afeto que eu puder dar a ela, pode ter certeza disso. — Ele soou quase confiante, quase. Era jovem, vinte e cinco anos, mas realmente gostaria de se casar com ela. Ela parecia ter tudo o que sempre lhe disseram para buscar em uma mulher.

— Muito bem, creio que tenha me convencido. — Daniel era um homem calmo, não via motivos para fazer um alarde sobre o casamento da irmã. Ela havia aceitado bem o seu enlace, então ele aceitaria qualquer escolha que ela fizesse sem pestanejar. — Tem minha autorização para falar com ela. Se minha irmã lhe disser que sim, terão minha bênção, e de minha madrastra, para se casarem.

Parker sorriu, orgulhoso de si mesmo por ter conseguido essa vitória. Agora só faltava falar com ela, e já sabia onde o faria. Na noite seguinte, no baile de Lady Valbury, seria o momento ideal. Ele a levaria para o jardim logo após a primeira dança e a pediria em casamento ali, sob a luz do luar e das estrelas. Ela não teria como dizer não.



Capítulo 13

Katherine estava linda. Pela primeira vez ela realmente se achou linda, com um vestido dourado e os cabelos presos numa trança virada, de forma intrincada e que seria impossível de soltar sem a ajuda de duas criadas. Ela não sabia o motivo, mas a mãe havia insistido que estivesse mais linda do que qualquer outra garota hoje, e no final ela até que gostou do resultado.

Quando a carruagem parou em frente à residência Valbury, ela sentiu um frio no estômago, mas não conseguia imaginar o motivo. Já estavam na metade do baile quando tudo começou a fazer sentido. No momento em que Belsen a chamou para dar uma volta no jardim e a mãe não se opôs, ela soube do que e trataria. E não tinha ideia do que responder.

— Lady Katherine... Kate — ele sorriu, parando de andar e se virando para ela —, sabe quanto apreço eu tenho pela senhorita, certo? — Ela assentiu. — Pois bem, eu gostaria de tê-la como minha esposa. Não precisa responder agora, pode pensar no assunto e me dizer depois o que decidiu, mas saiba que eu falo de coração. — Ele tirou um anel do bolso e sorriu, entregando-o a ela. — E peço que perdoe o pedido discreto, mas imaginei que não gostaria de um alarde público.

— Imaginou corretamente, lorde Parker. — Ela deu um sorrisinho, segurando o anel. Foi um pedido simples, informal, do jeito que ela sempre sonhou. Um pedido de casamento não era uma ocasião, era um contrato. — Sinto-me lisonjeada... é lindo.

— Não tão lindo quanto você. — Ele sorriu, inclinando-se para perto dela, e Katherine permitiu. Ele era quase seu noivo, se Oliver podia beijá-la o tempo todo, Parker teria o mesmo direito. Ela acabou por ficar incomodada, mas não com o beijo.

Com sua falta de reação a ele. Não sentiu nenhuma faísca, nenhuma queimação no fundo do estomago, nenhuma vontade sobrenatural de agarrá-lo e ir contra todas as convenções sociais. Era um bom beijo, sim, mas não era avassalador. Era apenas um beijo, que tinha sabor de café e talvez algo doce. Nem de longe o sabor confuso de brandy com algo mais que ela sentia em Oliver. Odidou-se por comparar os beijos e odiou-se por ficar comparando um homem bom como Parker com alguém que a desprezava por motivos estúpidos, mas não pôde se conter. Acreditava que nada chegaria aos pés do que tivera.

Ela retribuiu ao beijo, é claro, porém sem muito ânimo. Ele tomou a incerteza dela como inexperiência, e se afastou, com um sorriso calmo nos lábios.

— Tudo bem? — ele perguntou, e ela quase chorou sabe-se lá o motivo. — Sinto muito, não deveria ter tomado tantas liberdades, mas você... é perfeita. — Ele sorriu, aproximando-se e beijando a testa dela. E aí estava o motivo. Ele era um cavalheiro, tudo o que ela sempre quis, e ela não sentia nada por ele, além de, talvez, uma profunda amizade.

— Irei pensar em seu pedido, mas já tenho uma boa ideia da resposta. — Ela sorriu, sentindo um aperto no peito. Deveria dizer que sim e acabar com isso logo de uma vez, mas não conseguiu. Parte dela esperava que Oliver aparecesse ali e dissesse que a amava, mas ele nunca faria isso.

Ambos voltaram para o salão, e ela se esgueirou até o salão das mulheres, parando em frente a um espelho e encarando seu reflexo.

“O que está errado com você, Katherine?”, ela pensou, olhando em seus próprios olhos, aprofundando-se mais no pensamento de antes. Parker tinha tudo, um título, dinheiro, era um homem de respeito e um cavalheiro de conto de fadas, ele a tratava bem e cumpria todos os requisitos em sua lista, só a beijou depois que a pediu em casamento, e ainda assim... ela não conseguia sentir por ele uma fração do que sentia por Oliver. Impulsivo, com uma mente fora do lugar e um modo próprio de agir, beijando-a sem permissão e pondo sua honra em risco toda vez que estava a menos de cinco metros de distância, difícil de lidar e impossível de se superar, uma lembrança dolorosa mas que ainda a fazia arder.. Ela não queria o simples, fácil e normal. Ela queria, e provavelmente iria querer pelo resto da vida, o difícil e doloroso, a paixão que mudou sua vida.

Estava se preparando para dizer “não” a ele quando a mãe entrou, sorrindo para ela.

— Ah, aí está você. E então, já posso comemorar? — É claro que a mãe já sabia o que aconteceu.

— Eu não aceitei ainda, mãe.

— O quê?! E por que não? — A mãe a encarou, os olhos furiosos. Katherine imaginou que ela reagiria assim.

— Eu não sei se ele é exatamente o que eu quero pra mim... não há nenhuma faísca, mãe.

— E é justamente por isso que deveria dizer que “sim” a ele. — Nelly suspirou, sentando-se em frente à filha em um banquinho que havia lá para descanso. — Eu não já lhe expliquei, Katherine? Eu tinha uma chama enorme com seu pai, e você sabe muito bem onde aquilo acabou. Grávida e arruinada, por mais que ele tenha se casado comigo depois, mas o escândalo não foi esquecido, por que acha que não vou a bailes? Apenas vim hoje porque queria estar presente em seu pedido de casamento.

— Acha que eu poderia ser feliz em um casamento sem amor? —

Katherine sentiu a garganta arder ao fazer essa pergunta, a palavra queimando até sua alma.

— Creio que sim, minha filha. Você seria, de fato, muito mais feliz em um casamento com segurança, sem sentimentos a atrapalhando. Apenas quero vê-la feliz, minha menina. — Ela se levantou, tocando o rosto da filha. — Agora vá lá e diga “sim” ao belo barão, antes que ele mude de ideia. Não terá outra chance como esta, minha filha. Se eu tivesse me casado com o primeiro homem que pediu minha mão, nunca teria me arruinado. Você foi a única coisa boa de todos os meus erros, e não quero que tenha o mesmo destino que eu. — Ela suspirou, dirigindo um sorriso para a filha. — Irei esperá-la do lado de fora, certo? Pense bem.

E saiu, deixando Katherine mais indecisa do que antes.



Oliver chegou atrasado. Acabou perdendo a hora enquanto se preparava, pensando no que diria para Katherine quando a visse. Ao olhar em volta não a encontrou, e depois sentiu um peso no coração ao vê-la falando com Belsen, toda sorrisos. Queria arrancá-la de perto dele, mas não estavam mais em sua casa e não podia fazer isso. Ele suspirou, impaciente, esperando que Belsen se afastasse para se aproximar dela.

Não ia dizer que a amava hoje, não poderia simplesmente chegar nela e despejar uma informação dessas, mas diria que está disposto a se comprometer, que ela não iria mais precisar esperar por ele, que não iria se deixar prender por um medo tolo e irracional. Sua mente ainda era tão confusa quanto sempre foi, mas quando se tratava dela, ela tinha clareza. Katherine era sua clareza, e ele jurou a si mesmo antes de sair que não a perderia de vista nunca mais. Porém, antes de tudo, precisava se desculpar com ela.

Belsen finalmente se afastou dela, e Oliver não demorou mais que um instante para se aproximar, com um sorriso leve no rosto, tentando parecer amigável.

— Lady Katherine, está belíssima esta noite. — Ele sorriu, e era verdade. O dourado ficava lindo nela, o vestido cheio de detalhes e enfeites a fazia parecer uma princesa... ou uma rainha, como ele gostava de chamá-la. Sua própria rainha.

— Lorde Briston. — Ela o cumprimentou, a voz soando estranha, num tom que ele não reconheceu. Mas se surpreendeu ao notar que o novo título não lhe soava estranho quando era dito por ela.

— Me daria a honra da próxima valsa? Prometo ser respeitoso. — Ele estendeu uma mão, os olhos esperançosos. Ela pareceu considerar algo, mas por

fim suspirou e assentiu, segurando a mão dele e se deixando ser guiada até a pista de dança. — Quero começar me desculpando. Eu não agi bem com a senhorita naquele dia, e sinto muito se a magoei. Nunca foi minha intenção.

— Eu sei disso. — Ela deu um sorrisinho, que no fundo parecia triste. — Está perdoado, Lorde Briston.

— Me chame de Oliver.

— Acho melhor não. — Ela se calou por um instante, enquanto ele a girava pela pista de dança. — Não podemos mais ser próximos, é melhor para nós dois. Não posso mais criar esperanças, Sua Graça. — Ela estava sendo tão formal que suas palavras o cortavam como facas. Ele balançou a cabeça, dando um sorriso confiante para ela.

— Mas é justamente sobre isso que eu queria conversar, não precisará mais criar esperanças em vão. Eu estou disposto a me comprometer, Katherine, estou disposto a cortejá-la como manda a etiqueta e a pedir sua mão para sua mãe e irmão quando chegar a hora. Você disse que queria tudo, e eu estou pronto para lhe dar isso.

— E quanto ao seu... — Ela engoliu em seco. — Medo de trair, de não ser bom o bastante?

— Eu só saberei se tentar, e você me faz querer tentar, me faz querer conseguir. Você me traz uma clareza que eu nunca experimentei antes em todos os meus trinta anos... é tudo graças a você. — E ele não estava mentindo, ela realmente causava este efeito nele. Oliver a rodopiou mais uma vez, notando o quanto ela estava quieta. — Diga algo, minha Ana Bolena.

Ela ainda ficou quieta por um instante, parecendo procurar palavras, mas sem encontrá-las. Ele esperava que isso fosse um bom sinal, porém não havia como saber. Quando ela finalmente falou, ele sentiu seu coração se partir de todas as maneiras possíveis.

— É tarde demais, Oliver, você teve sua chance e perdeu. Você me magoou e me entristeceu, e agora não há mais nada que possamos fazer. Eu segui em frente, e você deveria fazer o mesmo... eu sinto muito. — Ela se afastou dele, deixando-o sozinho no meio da valsa. Se não fosse a outra garota que tropeçou na própria saia, todos teriam olhado para eles. Ele continuou olhando para a curva do corredor onde ela desapareceu, tentando entender o que havia acontecido e o que poderia ter mudado tão rápido.



Katherine sentiu as lágrimas escorrendo dos olhos, sem saber se chorava de tristeza ou frustração. Por que ele não a chamou para dançar cinco minutos antes, por que não a chamou no começo do baile? Ou alguns dias antes? Ele teve

tantas oportunidades, tantas chances de mudar de ideia, e só o fez agora que ela estava comprometida com outro? Cinco minutos tarde demais.

Ouviu passos vindo em sua direção e rezou para que não fosse ele, mas era apenas Nicole.

— Posso saber o que aconteceu ali? Por que você saiu correndo? — A amiga se aproximou, vendo as lágrimas dela. — Ei... O que aconteceu? — Ela secou as lágrimas da amiga, tentando entender. Nicole odiava choro.

— Oliver disse que gostaria de se comprometer comigo, que queria algo, que estava pronto para dar um passo adiante em nosso... *relacionamento*. — Ela soluçou, engolindo o choro.

— Mas, Kate, isso não é bom?

— Seria se algumas horas atrás eu não tivesse sido pedida em casamento por Parker. Ou pior, se eu não tivesse aceitado, cinco malditos minutos antes.



Capítulo 14

— Ela está noiva? — Oliver perguntou, pela quinta vez desde que Sandsore lhe deu a notícia que havia descoberto através de Nicole, após o baile da noite anterior.

— Sim. — Ele respondeu, também pela quinta vez, demonstrando uma paciência absurda. — Sinto muito. Pelo que Nicky me falou, ela disse que “sim” alguns minutos antes de você chegar.

— Então se eu não houvesse me atrasado... poderia ter impedido.

— É triste, irônico e ridículo, mas sim, poderia. — Simon sabia ser paciente, mas não sabia ser delicado.

Oliver suspirou, controlando a vontade de mandar o amigo ir para o inferno. Sabia que Sandsore não fazia por mal, mas bem que podia tentar ser mais delicado ao menos dessa vez, afinal, Oliver havia acabado de perder a mulher da sua vida.

— Bem, obrigado por me contar. É melhor que eu saiba antes de anunciarem o noivado e comecem a ler os proclamas.

— Falando nisso... a família terá um jantar amanhã para celebrar. Não é algo grande, o único motivo pelo qual eu sei é porque Nicky foi convidada e me contou. Se quiser eu depois lhe conto como foi, já que aparentemente me tornei mensageiro oficial dessa situação.

— Obrigado, eu acho. Mas preciso ficar sozinho agora, processar tudo o que aconteceu. E não se preocupe, não vou me afogar em uma garrafa de Brandy,

— É bom que não se afogue, ou o ducado vai passar para algum primo estúpido, e Deus nos livre de mais um Duque estúpido na sociedade, você e Hampton são os únicos razoavelmente toleráveis.

Oliver riu, despedindo-se do amigo em seguida. Precisava realmente ficar sozinho, se jogar em sua cama e pensar. Ou chorar, o que viesse primeiro. O pior de tudo estava sendo as imagens em sua mente. Ele era capaz de se imaginar de joelhos, com um anel em mãos, pedindo Kate em casamento. Era capaz de se ver esperando por ela no altar e tendo a noite de núpcias com ela. Seu corpo esquentava apenas com a ideia de possuí-la.

Era capaz também de imaginar o oposto. Podia vê-la sorrindo para Belsen e dizendo que “sim” ao casamento, e podia sentir seu peito apertar ao se enxergar no canto da igreja, vendo-a entrar para encontrar outro. Sua alma parecia se partir quando pensava que ele a faria mulher, que seria o único a descobrir tudo o que Oliver queria. Odiava-se por ter demorado tanto e por ter

sido estúpido demais.

Só desejava ter como voltar no tempo, se pudesse diria naquela primeira noite, no baile de máscaras, o quanto a amava. Teria dito ontem, se isso a fizesse mudar de ideia. Diria agora, se pudesse interferir em algo, mas seja como fosse, teria dito que a amava. Não acreditava que Parker Belsen a amasse, o barão a conhecia há tão pouco tempo que não seria capaz de amá-la como ele. Sim, Oliver a conhecia por uma semana e meia a mais apenas, mas era diferente.

Ele havia visto a alma dela. Ele conhecia os suspiros dela quando o beijava, e sabia o gosto de seus lábios. Conhecia sua forma inteligente de ver o mundo e sua paixão por história. Katherine conseguia atingi-lo de todas as três formas possíveis: emocionalmente, mentalmente e fisicamente. Ela era o pacote completo, e agora pertencia a outro. Ele não ia superar isso tão cedo — talvez nunca.

Ela era tudo, e ele, agora, não tinha nada.



Na noite seguinte.

Katherine estava nervosa, não havia como negar. O coração disparado e o frio no estômago, hoje a família estaria celebrando seu noivado. A chuva lá fora só piorava tudo, a cada trovão que estourava ela sentia seu peito se comprimir mais. Não queria mais se casar com Parker, não sabendo que Oliver também a queria, mas o que poderia fazer? Ela apertou a chave que ainda carregava consigo, sentindo o coração doer.

Encerrar o noivado agora seria o pior possível para sua reputação, e ela não poderia arcar com isso. Não poderia fazer a família toda arcar com isso, não poderia criar um escândalo tão grande. Se ela fugisse para Oliver, até ele pagaria o preço, tendo uma Duquesa arruinada de todas as formas possíveis, e ela não podia causar isso a tanta gente. A sociedade era pesada demais com quem cometia erros.

Ela respirou fundo, levantando-se do assento na janela onde estava e indo se olhar no espelho. O vestido de hoje era calmo, num tom claro de pastel e verde. Era como ela se sentia, um verde sem graça, que a lembrava de enjoo. Calçou sua sandália e seguiu para as escadas, encontrando-se com o irmão no andar de baixo. Sorriu como pôde para ele.

— Kate... mal posso acreditar que já esteja noiva, foi tão rápido. — Ele sorriu, aproximando-se e beijando a testa da irmã. — Sua mãe está enlouquecendo, então esteja preparada. — Ele riu.

— Eu já imaginei. Noiva na primeira temporada e em menos de dois meses, estou realizando todos os sonhos dela. — Ela esboçou um sorrisinho

triste, dando de ombros.

Ela saiu andando pela sala ao lado da sala de jantar, sabendo que ele logo estaria ali. Ela sabia que seria feliz com Parker, afinal, ele era um bom homem que parecia realmente gostar dela. Mas ela não queria gostar, queria a paixão avassaladora que nunca mais teria.

A chuva lá fora aumentava — uma verdadeira tempestade se formando. Ela sentiu um arrepio com um dos trovões, e balançou a cabeça. Era tolice se assustar, eram apenas barulhos.

— Kate? — Ela nem havia percebido que Nicole havia chegado e estava ali. Sorriu para a amiga. — O que aconteceu? Não parece alguém que acaba de ficar noiva.

— Você sabe muito bem o que aconteceu, Nicole. Estou noiva do homem errado. — Ela suspirou, a amiga era a única com quem podia realmente falar sobre isso.

— E por que não vai atrás do homem certo? — Nicole ergueu uma sobrancelha, mas ela já sabia a resposta. — E não me venha com “reputação” e “ser arruinada”, pois já estou cansada de vê-la abrindo mão de tudo o que quer por causa de uma sociedade que nos obriga a sermos santas enquanto os homens fazem o que desejam e ninguém os julga. Viva pelas *suas* regras, Kate, faça as *suas escolhas*. Por você, e não pela mente dos outros.

Enquanto a chuva lá fora ficava mais forte, a mente de Katherine começou a dar voltas com as palavras da amiga.

— E se eu me arrepender depois?

— Ao menos estará se arrependendo de algo que fez, e não de algo que não fez. Erros são divertidos demais para só serem cometidos uma vez. — Ela deu um sorrisinho, dando de ombros. — A escolha cabe a você, sua felicidade ou uma reputação estúpida que só importa para os outros.

Nicole saiu andando depois disso, indo conversar com Marilyn sobre alguma coisa que Katherine não prestou atenção. Ela ainda estava processando as palavras da amiga, o que deveria fazer. Se escolhesse Oliver poria em risco mais reputações do que podia contar, mas se escolhesse Parker, poria em risco a própria felicidade.

Precisava apenas pesar qual era mais importante para ela, e saberia o que fazer. Ela colocou uma mão sobre o corpete, apertando a chave no decote contra seu peito. Sabia o que precisava fazer, qual era a coisa certa.



Oliver estava odiando a própria existência, sabendo que nesse momento ela estava confirmando sua relação com outro, seu compromisso com o maldito

Belsen. Oliver estava desenvolvendo um ódio absurdo por barões, primeiro o que tentou casar com sua irmã por dinheiro, e agora o que tirou dele a mulher que amava. Sim, Oliver sabia que seu amor por Katherine era insanidade, mas ainda assim ela era sua clareza, e isso lhe bastaria, se ao menos pudesse tê-la em seus braços.

Tomou mais um longo gole de Brandy, imaginando como seria se fosse ele. O jantar seria na casa dele, a mãe faria questão de organizar tudo, e as irmãs fariam um alarde desnecessário, convidando metade de Londres. Ele daria um jeito de se esgueirar para algum canto e beijar Katherine, dizendo a ela o quanto estava linda e o quanto ele estava feliz por estarem prestes a se casar. A mãe dela ficaria orgulhosa em ver a filha se tornar uma Duquesa, e ele faria amizade com o irmão dela.

Teria sido perfeito, se ele não fosse tão estúpido a ponto de perceber o que queria quando já era tarde demais. O barulho da chuva aumentou, e ele se sentiu cada vez mais só. Não devia ter mandado os criados embora esta noite, mas não queria ninguém por perto para vê-lo sofrer e se afundar enquanto ela estaria rindo e feliz. Estava se levantando para pegar mais uma dose de conhaque quando ouviu as batidas na porta, quase inaudíveis com o barulho da chuva.

Saiu resmungando, imaginando que fosse um criado que houvesse se esquecido de algo ou então Sandsore vindo lhe encher a paciência por ele estar bebendo. Seja quem fosse, era louco de sair nessa chuva. Chegou à porta, bufando, e a abrindo, mas não era nenhum criado, nem Sandsore, nem nenhum outro homem que estava ali.

Era ela.



Capítulo 15

Era ela, ali em sua porta, encharcada pela chuva da cabeça aos pés, segurando algo nas mãos, o vento balançando suas saias e seus cabelos, deixando-a despenteada. Era uma visão tão irreal que Oliver quase acreditou estar sonhando.

— Katherine? O que está fazendo aqui, o que aconteceu?

— Eu... eu trouxe a chave. O que é ridículo, já que essa chave não é da sua residência e, sim, de seu quarto em Kent, mas eu trouxe a chave, porque você disse que eu deveria usá-la quando quisesse e... e eu amo você, Oliver. Eu amo você — ela falou rápido, a voz se perdendo, os cabelos molhados chicoteando seu rosto. Ele a puxou para dentro, vendo a pequena chave em sua mão.

— Isso é um sonho, não é? Ou um pesadelo, a coisa que eu mais quero bem aqui, em minhas mãos, e na hora que for beijá-la eu irei acordar sozinho — ele sussurrou, duvidando da própria sanidade. Era possível ela realmente estar ali, naquele estado?

— Não é um sonho, nem um pesadelo. — Ela respirou fundo, e ele notou que ela estava tremendo. — Eu o amo, Oliver. Amo você, e estou arriscando tudo que tenho e a reputação de todos nós com isso, então, por favor, por favor, me ame também. — Ela parecia estar finalmente fazendo o que ele queria que fizesse e não se importando com regras e convenções da sociedade, agindo por impulso. Ele sorriu, sentindo a emoção tomar conta de seu peito.

— Mas e... e Belsen? — Ele tinha que perguntar, precisava perguntar, entender o que havia acontecido.

— Está lá em casa, provavelmente se perguntando aonde eu fui. Todos devem estar se perguntando isso... bem, menos Nicole. — Ela conseguiu rir, balançando a cabeça. — Eu amo você, Oliver. Não me importo com o escândalo, com os problemas que possa vir a ter. Eu amo você, e quero ficar com você. Quero ser sua.

Ela não precisou falar duas vezes para que ele a beijasse, avançando nos lábios dela como se fosse um copo de água no deserto, e de certa forma até era. Ele estava sedento por ela, morrendo de saudade, e agora tê-la ali, beijando-o e o abraçando, dizendo que o amava... Era uma perfeição surreal, tanto que ele ainda estava com medo de acordar sozinho, duro e destruído.

— Eu amo você, minha rainha e aquela chave não era apenas do meu quarto... vale para o meu coração também. — Ele a beijou novamente, os lábios pressionando os dela, línguas se encontrando. Não precisavam pensar em mais nada, se preocupar com mais nada — eram apenas os dois agora. E estavam

felizes... Ah, como estavam felizes!

Ele não se importou que também estivesse ficando molhado pelas roupas dela, ou com o cabelo pingando em seu rosto. Não parou de beijá-la quando lhe faltou o fôlego, e nem quando seus lábios começaram a doer. Não, só parou quando sentiu um calafrio percorrê-la. Afastou-se por um instante, mordiscando seus lábios.

— Melhor levá-la para perto do fogo... — Ele se aproximou de sua orelha, ouvindo-a dar uma risadinha. — Eu a quero bem quente esta noite, minha rainha. Arrepios apenas de prazer.

Ele deu um sorrisinho ao ver que ela estava corada, mantendo uma mão em volta da sua cintura enquanto a levava até a sala onde estava antes, cuja lareira estava acesa. Ele a puxou para perto, olhando em seus olhos. Não precisavam de palavras, mas ele as disse mesmo assim.

— Eu amo você — sussurrou, beijando-a mais uma vez, agora descendo os lábios pelo pescoço dela. — Amo você. Amo seus olhos. Amo seu sorriso, e o biquinho que faz quando está brava. Amo sua pele. Amo sua voz. — A cada pausa era um beijo: no pescoço dela, em suas orelhas, na parte exposta de seu decote. Ele começou a soltar os botões nas costas dela, um por um. — Posso?

— Deve.



Ela não estava mais com medo, não se importava com mais nada além de Oliver. Era como se aquele beijo e aquele “eu te amo” a tivessem libertado e uma nova Katherine tivesse nascido. Uma Katherine sem medos e sem se importar com reputações, uma que queria ser arruinada. Que queria se arruinar com ele.

Não sabia o que fazer, mas tinha a impressão de que ele a guiaria. Virou-se de costas e deixou que ele desabotoasse seu vestido, soltando os botões um por um de suas casas até estarem todos livres. O vestido caiu no chão, formando uma poça de tecido a sua volta. Katherine sentiu o ar morno do fogo na pele, um contraste com o frio da chuva de antes. Sentiu os dedos dele em suas costas, e então em sua cintura, percorrendo cada centímetro lentamente. Ele fez um pouco de pressão em suas laterais, então ela se virou.

Katherine se sentiu a mais bela mulher do mundo ao ver o queixo dele caindo. Oliver boquiaberto, os olhos queimando de desejo, era uma das coisas mais lindas que ela já havia visto. Ainda estava usando apenas as meias e as anáguas, e ele parecia devorá-la com os olhos. Ela sorriu um pouco nervosa, andando até ele e colocando as mãos em seu peito.

— Amo você. — Ela precisava dizer cada vez mais. — Amo você —

repetiu a cada botão que desabotoava na camisa dele. Oliver jogou a peça de roupa longe e puxou Katherine contra si, deixando-a presa em seus braços.

— Está tentando me matar, alteza? — ele sussurrou, uma risada quente na orelha dela. Ela suspirou.

— Se você não me matar primeiro... Ah! — Os dedos dele estavam em seus seios, apertando seus mamilos. Ela não estava preparada para a sensação que a preencheu, a onda de prazer por todo seu corpo. Ela gostou. — Oliver... faça de novo.

— Isso? — ele sussurrou, repetindo o mesmo movimento. Katherine sentiu como se estivesse derretendo.

— Sim... exatamente.

Ela fechou os olhos, deixando que ele fizesse o que bem entendesse com ela, pertencendo completamente a ele. Sentia os dedos dele fazendo coisas milagrosas, reações que nem poderia ter imaginado, e então, num ato ainda mais surpreendente — para ela — a língua dele substituiu os dedos. Ela arfou, sem nem se importar sobre o quão indecente aquilo deveria ser — queria mais.

Katherine levou as mãos até o pescoço dele, abraçando-o, e se surpreendeu ao sentir as mãos dele puxando suas coxas, pegando-a no colo e levando-a até o quarto dele. O coração dela martelava no peito, sabendo o que viria. Bem, ao menos imaginando o que viria.

Ele a deitou na cama, os dedos parando na borda de suas anáguas.

— Você vai ser minha, Katherine — ele sussurrou, inclinando-se e repousando o queixo na barriga dela, olhando-a. — Irei marcar cada centímetro seu com meus lábios, cada minúscula parte sua será minha. — Ele puxou as anáguas dela para baixo, tirando-as. Ela nem tentou fechar as pernas, estava entregue.

E foi então que a boca dele fez a verdadeira mágica, descendo até o calor entre suas pernas e beijando-a ali, a língua fazendo maravilhas. Katherine precisou gemer, não havia outra opção, outro som que expressasse o que sentiu.

E quando a sensação foi crescendo e crescendo, só lhe sobrou uma alternativa.

Gritar.



Oliver poderia jurar que os gritos dela iriam deixá-lo louco. Eram gritos de prazer, gritos de amor, sussurros incoerentes. Senti-la se desfazer em sua boca foi incrível, e mal podia imaginar a sensação dela a sua volta. Para sua sorte não precisaria esperar por muito tempo.

Desabotoou as calças e as jogou longe, a ereção pulando para fora,

implorando por ela. Katherine arregalou os olhos. Ele riu.

— Vou considerar sua reação como um elogio. — Ele sorriu, ficando por cima dela. — Sabe que pode mudar de ideia, certo?

— Sei. — Ela sorriu, tocando o rosto dele, os olhos brilhando no tom mais azul que ele já viu. — Eu quero você, Oliver. Apenas você.

— Vai doer um pouco, mas prometo compensá-la depois — ele sussurrou, pressionando-se contra ela. Precisou de todo seu esforço para não estocar de uma vez, indo com calma para que ela sentisse o mínimo de dor possível.

Ele não parou, temia que fosse ser pior se parasse, então continuou se movendo devagar, uma pequena estocada, indo um pouco mais fundo a cada vez, até estar completamente dentro dela. Então parou.

— Tudo bem? — Ele perguntou, com um sorriso amoroso. Ela sorriu, assentindo.

— Dói um pouco. — Ela sorriu, remexendo-se um pouco. — Mas tudo bem. Pode continuar. — Ela deu um sorrisinho, esticando o rosto e beijando-o. Oliver voltou a se mover contra ela, num ritmo lento e torturante, que quase estava o matando. Nunca havia se deitado com uma virgem, e se não fosse Katherine ele duvidava que teria o mesmo auto controle.

Os gemidos e suspiros dela dificultavam a tarefa de manter a calma. Após algum tempo de estocadas lentas a expressão dela mudou de dor para prazer. E foi então que a noite realmente começou.

Os dois desenvolveram um ritmo equilibrado, ele indo em direção a ela na mesma velocidade que seus quadris respondiam, a atmosfera em volta deles se tornando palpável. Ele a cada segundo pensava que ela era a pessoa, a mulher mais perfeita do mundo. Suas curvas, seus pequenos detalhes, a forma como se apertava em volta dele... era realmente perfeita. Demais.

Ele não sabia quanto tempo mais poderia aguentar, então deslizou uma mão entre os dois, acariciando-a em seu ponto mais sensível, dando a ela o máximo de prazer possível. E, alguns instantes depois, derramou-se dentro dela, atingindo o clímax mais forte de sua vida. Sabia que ela não havia conseguido chegar ao ápice, ao menos não dessa vez, mas teriam muito tempo para melhorar.

A eternidade.



Katherine acordou no meio da madrugada, vendo Oliver dormir ao seu lado. Havia uma luz fraca vinda da lareira no quarto, que ela não se lembra de ele ter acendido. Devia ter feito isso após ela dormir. Ela encontrou um roupão pendurado no canto do quarto dele e o pegou. Era enorme para ela, mas

Katherine sorriu, sentindo-se abraçada.

Não estava arrependida, nem de longe. Estava feliz, completa consigo mesma, pela primeira vez havia agido sem pensar. Seu único problema agora era como a mãe iria reagir, mas ao olhar para Oliver dormindo como um anjo, com um sorriso nos lábios, ela soube que tudo que ficaria bem.

E que, independente do que viesse, ele estaria ao seu lado.



Capítulo 16

Oliver acordou com o sol em seu rosto e a mulher de sua vida em seus braços. Era uma boa forma de acordar. Ele sorriu, puxando-a mais para junto de si.

— Bom dia — ele sussurrou, notando que ela estava usando seu roupão. Sorriu. — Dormiu bem?

— Não muito, um certo cavalheiro ficou me acordando a noite toda para fazermos amor. — Ela deu uma risadinha, virando-se na cama até estar de frente para ele. — Amo você. Acho que nunca irei me cansar de dizer isso.

— Acho bom. — Ele sorriu, inclinando-se e beijando-a levemente. — Também amo você, e creio que vou precisar falar com seu irmão.

— Vai, mas ele não é o problema. Minha mãe é que é. — Ela sentiu um arrepio, balançando a cabeça. — Ela vai enlouquecer quando souber que eu passei a noite com você e que vou encerrar o noivado que começamos ontem... Ah, pobre Parker. Ele não merecia isso, eu devia ter sido honesta desde o começo.

— Está preocupada com o homem que quase a tirou de mim?

— Esse foi você mesmo, querido. — Ela deu um sorrisinho, tocando o rosto dele. — Quando dizia que não podíamos ficar juntos por causa de seu medo de me trair e de não ser um bom marido. Aliás, o que o fez mudar de ideia sobre isso?

— Sandsore, por incrível que pareça. — Ele riu. — O maior *anti-casamento* de toda a Londres é quem vem juntando pares nessa temporada. Convinceu a mim de que eu precisava parar de beber e tomar uma atitude, um pouco tarde demais, mas funcionou. Deu certo no final.

— Sabe, no final eu acho que ele e Nicole se combinam até demais. No meu caso foi Nicole quem me convenceu a vir até aqui e escolher por mim mesma. — Ela riu, dando de ombros. — Às vezes a ligação entre esses dois me assusta.

— Eu não ficaria nem um pouco surpreso se eles se casassem algum dia. — Oliver deu de ombros também, rindo e se sentando na cama, puxando-a consigo. — Talvez seja melhor nos vestirmos.

— E sair daqui? Não quero. — Ela fez uma careta que ele achou fofa. Fofa, pelo amor de deus, Oliver não achava nada fofo. O poder daquela mulher sobre ele...

— Infelizmente, nós precisamos ir. Mas vou conseguir um vestido novo para você antes, o de ontem ainda está cheio de lama e úmido. — Ele se

levantou, deixando-a na cama. — Ainda é cedo, umas seis horas... temos tempo, certo?

— Daniel só acorda às dez.

— Perfeito. Vou lhe arranjar um vestido. — Ele balançou a cabeça rindo quando a viu acompanhá-lo com o olhar enquanto ele andava. — O que foi?

— Você é lindo. — Ela deu de ombros com uma risadinha.

Ele riu, dando de ombros como ela e acabando de se vestir. Inclinou-se sobre a cama, beijando-a suavemente nos lábios.

— Vou buscar seu café. Se quiser descer, pode usar uma de minhas roupas, os criados não vão se importar... em breve você será a Duquesa deles. — Ele sorriu, dando mais um beijo rápido nela antes de descer, com um sorriso enorme no rosto. Seria um bom dia, provavelmente uma boa vida.



Katherine ainda não podia acreditar realmente no que havia acontecido, que realmente ela e Oliver passaram a noite juntos... e que ela não estava se importando com os escândalos. Ela estava apenas focada no fato de que ele também a amava, e isso era suficiente. Isso a faria feliz para sempre.

Não queria pensar na mãe, mas não podia evitar se arrepiar ao imaginar a reação dela. Nelly Barnes Linton não reagiria nada bem ao saber que a filha havia se arruinado, mas era realmente ruína se estavam apaixonados e se casariam? A mãe diria que sim. Kate tinha um pouco de pena da mãe, sabia que ela nunca foi amada, e que o marido apenas a enganou. Constantemente dizia que ela não estava tão velha e que poderia se casar com um viúvo bonitão, mas ela nunca ouviu a filha, nem o filho adotivo.

Daniel era a fonte de todas as suas esperanças nesse momento. O irmão sempre teve uma política de “se isso é o que te fazer feliz, vá atrás” na vida. Foi assim que se casou com uma criada, e Katherine esperava que ele fosse dirigir a mesma forma de pensar ao casamento dela. E, pelo amor de Deus, Oliver era um *Duque*. Ela não queria pensar assim, mas quem poderia reclamar da troca de um Barão por um Duque? A mãe eventualmente aceitaria, depois que perdoasse o possível escândalo.

Ela se levantou da cama, ainda se enrolando no roupão dele e foi até seu quarto de vestir, procurando algo que lhe coubesse. Encontrou um par de calças que ficariam enormes nela, e uma camisa dele. Katherine os vestiu, sentindo-se um pouco como uma palhaça de circo, mas era melhor do que sair nua por dentro da casa. Em breve seria a *sua* casa.

Desceu as enormes escadas, olhando em volta até achar a porta de, uma das salas de jantar e viu que o café estava sendo servido. Podia ouvir a voz de Oliver

discutindo com alguém e se aproximou, notando que era um mordomo idoso, que provavelmente trabalhava na casa antes mesmo de Oliver nascer.

— Albert, o quão difícil é conseguir um vestido de mulher? Pelo amor de Deus! — Bastante, senhor, se não tivermos as medidas da garota e alguns dias de espera. O senhor não sabe como são feitas as roupas?

— Ele não está errado, querido. — Ela sorriu, acenando com a cabeça para o mordomo. — Vestidos são complicados de se fazer. Albert, certo? Vá até a casa Stafford e peça para falar com a Viscondessa, e *apenas* com ela. Diga que eu preciso de um vestido, de preferência parecido com o da noite passada. — Ela se virou para Oliver. — Meri não vai falar para ninguém.

— Sim, senhorita. — O mordomo respondeu, e Oliver revirou os olhos.

— Nem é Duquesa ainda e os criados já a obedecem mais do que a mim. — Ele balançou a cabeça, rindo.

— Basta saber como pedir. — Ela sorriu. — E não sei como vocês homens gostam de calças, essas coisas conseguem prender os movimentos mais do que vestidos. — Ela resmungou, enquanto ele ria e a puxava para se sentarem à mesa.

— Aproveite seu café como quase duquesa. — Ele deu um sorrisinho para ela.

— Quase Duquesa, que belo título. Mas só se meu irmão aceitar, não é?

— Não exatamente. Se der errado com ele, sempre há a opção de fugirmos para a Escócia e nos casarmos lá... Acha que sua mãe mandaria alguém atrás de nós? Dizem que é sempre mais divertido quando tem uma perseguição. — Ele riu, vendo-a arregalar os olhos. — Não gostou da ideia?

— Da ideia sim, da perseguição nem tanto. — Ela riu, balançando a cabeça.

Ainda estavam conversando à mesa quando Albert voltou, trazendo um vestido novo e sapatos para ela.

— Espero que seja de seu agrado, milady. E a viscondessa me pediu para lhe dizer que, e são palavras dela, “*A fera está à solta.*” Creio que estivesse se referindo aos gritos furiosos que ouvi vindo de dentro da casa. — Ele se aproximou e entregou o vestido para Katherine, que sorriu, agradecendo.

— A fera é minha mãe. Teve sorte de não ser visto por ela, ou teríamos uma viscondessa viúva gritando aqui neste momento. — Ela suspirou, dando de ombros. — Obrigada, Albert.

— Não há de que, senhorita. Quem sabe quando se tornar a senhora desta casa, o garoto aqui aprenda a ter boas maneiras.

— Albert! — Oliver resmungou, enquanto Katherine ria. O mordomo deu um sorriso e saiu. — Muito bem, senhorita risadinhas. Vá se vestir, temos uma

fera para enfrentar. — Ele sorriu para a mulher que amava, vendo-a balançar a cabeça e se virar para as escadas, com um sorriso no rosto.



Oliver não deixaria transparecer, mas estava nervoso. Muito nervoso, a alma estava à beira de sair do corpo, e não era nenhum exagero. Se até Albert, que havia convivido por anos com os gritos da mãe dele, se surpreendeu com os da mãe de Katherine, era algo realmente a se temer.

Quando a carruagem dele parou em frente à residência Stafford, o estômago dele se revirou. Ouviu a risada de Katherine ao seu lado.

— Sabe que eu posso ver que está nervoso, mesmo com toda essa fachada calma? — Ela sorriu, tocando o rosto dele. — Vai ficar tudo bem, nós vamos dar um jeito. — Ela sorriu, inclinando-se e dando um selinho nele. — Amo você.

— E eu a você — ele sussurrou, respirando fundo e abrindo a porta da carruagem, descendo com ela ao seu lado. Mal pisaram na porta de entrada e ela se abriu para darem de cara com o Visconde e a esposa, a Viscondessa viúva e Lorde Belsen. É, Oliver estava morto.

Não demorou mais que alguns segundos para que a gritaria começasse.

— Seu canalha! Como ousa dar as caras aqui após desonrar a minha filha?! — Lady Nelly esperneou, encarando Oliver. Katherine interviu.

— Mamãe, eu é que fui atrás dele, eu amo Oliver e...

— Ama? O que você entende de amor, minha filha? Se o amasse tanto assim não teria ficado noiva duas noites antes.

— Eu achei que ele não me amasse...

— Então me disse “sim”, enquanto amava outro? — Parker Belsen se meteu na conversa, furioso. Virou-se para Oliver. — Está pensando que eu sou algum tipo de palhaço? O senhor a arruinou e agora vem com esse papinho de amor. Eu exijo uma solução para isso!

— E o que tem em mente? Quer que eu entregue a mulher da minha vida para você, é isso? Pois a resposta é não. Katherine é minha. — A voz de Oliver nunca havia sido tão determinada em toda a sua vida, a não ser naquele momento. Katherine era dele e de mais ninguém.

— Sua?! Ousa falar da minha filha como uma propriedade sua?! — Lady Nelly começou a gritar novamente. Oliver percebeu que não daria certo discutir com todos ao mesmo tempo.

— Lady Nelly, senhora, não foi isso que eu quis insinuar, estava apenas dizendo que...

— Sei muito bem o que estava dizendo, e o que deve ter feito com ela. Eu exijo um duelo! — Belsen interveio novamente, fazendo Oliver revirar os olhos.

— Um duelo? Estamos o que, na era medieval, para resolvermos tudo com duelos? Pensei que vivêssemos numa sociedade civilizada...

— Homens civilizados não roubam noivas de outros homens — Belsen rosnou, deixando Oliver quase sem escolha.

— Dani, por favor... — Katherine apelou para o irmão, que estava calado até então.

— Vocês dois, para o meu escritório — Daniel disse simplesmente, virando-se para a esposa. — Querida, se puder acalmar os ânimos por aqui...

— Claro. — Lady Stafford sorriu, virou-se para a sogra postiça e o ex-quase-cunhado, começando a falar com eles enquanto os outros três se afastavam.

Daniel fechou a porta do escritório atrás de si, voltando-se para os dois.

— Vamos, podem se explicar. Kate, você primeiro. — Ele estava tão calmo que Oliver pensou que pudesse ser uma armadilha.

— Eu e Oliver nos conhecemos no baile de máscaras, você lembra... bem, eu me apaixonei por ele, mas achava que ele não sentia o mesmo.

— E por que você achava isso? — Daniel a interrompeu, virando-se para Oliver, com uma sobancelha erguida.

— Eu dei entender que não sentia. Sempre tive um medo irracional de não ser um bom marido ou de trair minha esposa, e por isso acabei a afastando quando deveria ter aproximado. Quando percebi meu erro já era tarde demais e ela estava noiva. Assumo toda a responsabilidade.

— E você a ama? — O visconde observou os dois.

— Amo. Ela é tudo na minha vida, e meu único arrependimento é não ter percebido isso antes.

— Kate? E você?

— A mesma coisa. Fui eu que decidi fugir ontem, Dani. Eu não podia continuar com aquela farsa, seguir e me casar com Parker, não sabendo que Oliver me queria. É ele, desde o começo. Quero me casar com ele.

— Muito bem, se é o que querem... — Daniel deu de ombros. — Não sou eu que vou impedir. Não quero ficar no caminho da felicidade de ninguém, mas ainda precisamos acalmar aqueles dois lá fora.

— Temos sua bênção então?

— Têm. Desde que faça minha irmã feliz, têm minha total autorização para se casarem o quanto antes.

— Não irá se arrepender, eu juro. — Oliver sorriu, sentindo o peito quase explodir.

A situação com Parker foi negociada, literalmente. Um pagamento para que ele ficasse quieto e as mais sinceras desculpas de Katherine foram o

suficiente para fazer com que ele desaparecesse da vida deles, e mãe dela acabou se conformando, eventualmente. Ao menos a filha seria duquesa.

Duas semanas depois eles se casaram.



Epílogo

Alguma praia da Inglaterra, 1830

É claro que ele estaria pescando. Vieram passar algum tempo na praia, e Katherine nem se surpreendia ao encontrá-lo com uma vara de pescar, sentado em uma pedra, todos os dias. O mar era seu lugar seguro, e ela achava isso lindo. Caminhou até ele, com um sorriso no rosto.

— Peixes novamente?

— Peixes sempre. — Ele sorriu, erguendo a cabeça para que ela se inclinasse e lhe desse um leve beijo. A vantagem de não ter ninguém na praia em pleno inverno era que o espaço era todo só dos dois.

— Já pegou algum hoje?

— Dois, mas os devolvi para a água. Não estavam totalmente presos, sabe. E eu pensei que talvez tivessem uma família cheia de peixinhos esperando por eles, então os devolvi.

— Você é maravilhoso, sabia? — Ela sorriu, inclinando-se sobre ele e abraçando suas costas, dando-lhe beijos no rosto. Ela estava tão feliz com a vida de casada, já fazia quatro anos que estavam juntos. Ainda não tinham filhos, mas isso estava prestes a mudar. Ela sorriu, ansiosa pela reação dele. — Eu tenho uma surpresa.

— Mesmo? — Ele se virou para ela, um sorriso no rosto.

— Sim. Já volto. — Ela foi para dentro da cabana onde estavam hospedados. Havia ido à vila na tarde anterior e comprado uma pequena vara de pescar, do tamanho certo para uma criança. Parte de si não tinha certeza se ele entenderia, mas poderia tentar. Voltou para a praia, vendo-o ainda na mesma pedra. — Surpresa! — Ela sorriu, entregando a pequena vara de pescar, esperando a reação dele. Ela sabia que era errado, mas adorava brincar com a lentidão dele para perceber as coisas.

— Uma vara de pescar nova? Mas é tão pequena...

— Pensei que seria útil, sabe, manter a tradição da família.

— Tradição da fam... Katherine! — Ele gritou, e ela soube eu tinha entendido. Ele largou tudo, levantando-se e abraçando-a. — Você está...?

— Você entendeu! É a primeira vez, você entendeu de primeira! — Ela riu, provocando e sentindo-o encher seu rosto de beijos. — Vamos ter um bebê.

— Vamos ter um bebê. E eu vou ensinar ele a pescar, e queira Deus que ele tenha a inteligência da mãe, senão estaremos perdidos.

Ele riu, levantando-a do chão e girando-a no ar, cobrindo ela de beijos e apertando-a nos braços.

— Eu amo você. Amo tanto, tanto você — os dois sussurravam ao mesmo tempo, abraçados.

Aquela praia onde estavam já havia visto muitos abraços apaixonados, e ainda veria mais durante a eternidade, mas nunca tanto quanto eles dois. Oliver por um instante parou para pensar, quem diria que tudo o que precisava estaria em uma varanda, usando uma fantasia de Ana Bolena.

Continuaram abraçados, aproveitando aquela pequena e perfeita parte da eternidade.

Table of Contents

[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Epílogo](#)